

**CELMA FRANCELINO FIALHO**

**O PERCURSO HISTÓRICO DA LÍNGUA E  
CULTURA TERENA NA ALDEIA IPEGUE/  
AQUIDAUANA/ MS.**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
CAMPO GRANDE - MS**

**2010**

**CELMA FRANCELINO FIALHO**

**O PERCURSO HISTÓRICO DA LÍNGUA E  
CULTURA TERENA NA ALDEIA IPEGUE/  
AQUIDAUANA/ MS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom  
Bosco como parte dos requisitos para a obtenção do grau de  
Mestre em Educação. Área de concentração: Diversidade  
Cultural e Educação Indígena.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adir Casaro Nascimento



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**

**CAMPO GRANDE**

**2010**

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais Celso Fialho e Santa Francelino Fialho.

À minha filha Maricelma.

Aos meus irmãos Cezar, Celso, Célio, Cerise e Cerizi.

Às minhas irmãs Célia e Cibeli.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Itukó'oviti pelo dom da vida que tem nos dado e pela saúde concedida durante a realização do trabalho, onde exigiu muita força e coragem apesar de sermos parte da história da nossa comunidade.

Aos anciões da Aldeia Ipegue pelo apoio dado durante as minhas entrevistas e execução da pesquisa, pois sem os conhecimentos desses velhos guardiões de informações preciosas com certeza não teria o resultado esperado.

À Fundação Ford pela concessão da bolsa e condições de realizar o meu sonho e sonho da minha família, pois sem ela este trabalho e sonho não se realizariam.

À minha orientadora Adir Casaro Nascimento pela paciência e orientação durante a construção da dissertação dando condições e entendendo a minha dificuldade nos momentos mais tensos do meu trabalho.

Aos professores (as) Dr (as) Antonio Brand, Antonio Hilário Aguilera, Adir Casaro Nascimento e Marta M. Brostolin, pelas valiosas sugestões durante a pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Educação Linha 3 – UCDB, que souberam apontar o caminho a seguir para conseguir alcançar os meus objetivos como pesquisadora indígena.

Aos colegas de Mestrado, pois com diversidade contribuíram de diversas maneiras durante o nosso estudo, colegas com que convivi durante os estudos e que compartilharam comigo: alegrias, tristezas, diferenças, sonhos, esperanças, mudanças, redefinições, dúvidas e transformações.

A todos que sempre estiveram ao meu lado acreditando na realização da minha pesquisa que contribuíram de forma direta ou indiretamente.

## RESUMO

Esta dissertação insere-se na Linha de Pesquisa 03: Diversidade Cultural e Educação Indígena, PPGE/UCDB e tem como objetivo geral identificar os motivos que levaram a comunidade Terena da Aldeia Ipegue a não assegurar o uso da língua Terena, como primeira língua, e quais as conseqüências deste desuso como fator de relação interna na aldeia agregando grupos ou não, fortalecendo valores étnicos e culturais, bem como na relação com as demais aldeias. Os objetivos específicos da pesquisa foram: 1. Descrever a histórica do povo Terena, identificando os principais momentos de contacto com a sociedade não indígena. 2. Investigar a trajetória do uso da língua indígena e as intervenções sofridas na Aldeia Ipegue. 3. Investigar como e porque a Escola Indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue está trabalhando na preservação ou recuperação do uso da língua Terena. A pesquisa foi realizada no Posto Indígena (PIN) Ipegue, localizada no município de Aquidauana/MS, e o procedimento metodológico realizado foi a revisão bibliográfica e documental da produção científica, sobre a questão da língua Terena da Aldeia Ipegue. Como procedimento metodológico de caráter empírico, realizou-se entrevistas com os indígenas mais antigos da Aldeia Ipegue, professores, lideranças, jovens, homens e mulheres que trabalharam fora da Aldeia, questionando sobre a importância social e cultural do uso da língua indígena e a necessidade do uso da língua portuguesa. Os resultados da pesquisa apontam que o contato com os não indígenas fez com que a comunidade da Aldeia Ipegue deixasse de utilizar a sua língua materna, fazendo uma opção política pelo uso da língua portuguesa, pois os pais acreditavam que falando a língua dos *purutuye* os seus filhos se sairiam melhor em tudo e poderiam estabelecer relações de poder mais simétrica com a sociedade não-indígena. É possível perceber que o desuso da língua indígena não descaracteriza o pertencimento à etnia terena e que existe um movimento no sentido de revitalizar o uso da língua indígena.

**Palavras-chaves:** Povo Terena, língua materna, pertencimento étnico, relações de poder, cultura.

## ABSTRACT

This Dissertation is inserted in the third line of research: Culture diversity and Indigenous Education, PPGE/ UCDB and It has like a general objective to identify the reason that has done the Terena Inhabitants of Ipegue Village didn't keep in use their mothertongue as the first, and what are the consequences of this disuse while factor of inside relation in the village, associating groups or not, strengthening ethnical and cultural valuation , as well the relationship with neighbors villages. The specifics objectives of this investigation were: 1. describe the historic trajectory of Terena people, identifying the main faced moments with the non-Indigenous society; 2. investigate the trajectory of Indigenous language uses and the interventions suffered in the Ipegue Village; 3. investigate how and why the "Feliciano Pio Indigenous School" is working in the preservation or recovery of Terena Language's uses. The survey was conducted in the Indian Station (PIN) IPEGUE, located in the Aquidauana-MS municipality, and the methodological procedure was performed to review and documentation of Scientific Literature on the issue of Terena Language of Ipegue Village. As an empirical procedure interviews were conducted with the older indigenous in the Ipegue village, teachers, leaders, youths, men and women who worked outside the Ipegue Village, focusing the social and cultural importance of the use of indigenous language and the necessity of the Portuguese language. The research shows that contact with non-native has made the Ipegue village community let you use your native language by making a policy choice by the use of Portuguese language, because parents has believed that speaking the language of *purutuye*, their children would leave Best of all, and could establish more symmetrical power relations with the non-Indigenous society. It is possible to realize that the disuse of the Indigenous Language pits not belonging to the ethnic Terena and that there is a movement to revitalize the use of indigenous languages.

**keywords:** Terena people, mothertongue, ethnic origins, power relationship, culture

## LISTA DE ABREVIATURAS

FUNAI	-	Fundação Nacional dos Índios
FUNASA	-	Fundação Nacional da Saúde
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	-	Ministério da Educação e Cultura
MS	-	Mato Grosso do Sul
PIN	-	Posto Indígena
PPGE	-	Programa de Pós- Graduação em Educação
PUC/SP	-	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RCENEI	-	Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas
SPI	-	Serviço de Proteção aos Índios
UCDB	-	Universidade Católica Dom Bosco
UFMS	-	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
<b>CAPITULO I</b>	
A HISTÓRIA DO POVO TERENA.....	23
A migração dos Aruak do Exiva para o Mato Grosso do Sul.....	23
1.1 A migração Terena do Exiva.....	24
1.2 A ocupação dos Terena no Estado de Mato Grosso do Sul.....	26
1.3 A Guerra do Paraguai e a dispersão dos Terena: os habitantes da Aldeia Ipegue.....	28
1.4 Os Terena Pós-Guerra do Paraguai.....	29
1.5 A servidão – final do XIX.....	30
1.6 Rondon e os Terena – a demarcação dos territórios.....	31
1.7 A relação dos Terena com a sociedade nacional.....	33
<b>CAPÍTULO II</b>	
A TRAJETÓRIA DA CULTURA TERENA NA ALDEIA IPEGUE.....	35
2.1 A língua e as intervenções sofridas .....	
2.1.1 A organização social.....	36
2.1.2 O modelo atual da moradia na Aldeia Ipegue.....	40
2.1.3 Os “koixómoneti” e os “Engelé” protestantes.....	42
2.1.4 Saberes Tradicionais – Economia de Subsistência .....	47
2.1.5 Festas cerimoniais Terena.....	50
<b>CAPÍTULO III</b>	
A ESCOLA E A LINGUA TERENA: PROCESSOS DE NEGAÇÃO E AFIRMAÇÃO.....	54
3.1 Localização da Pesquisa.....	54
3.2 Histórico da Educação Escolar Indígena na Aldeia Ipegue.....	58
3.3 A influência da Escola no desuso da língua Terena.....	61
3.4 A escola como espaço social.....	65
3.5 A língua Terena.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS.....	85

## Introdução

Falar de comunidade indígena do município de Aquidauana me proporciona recordações e saudades de muitas pessoas que marcaram a minha caminhada durante a vida escolar até chegar ao que sou hoje. São lembranças que nunca serão apagadas, mas sim cultivadas por meio de muitas conquistas obtidas ao longo da caminhada e que estão presentes em todo o meu ser. Essas conquistas fazem com que me identifique cada vez mais como indígena Terena, falante da minha língua. Sinto-me lisonjeada e orgulhosa por tais conquistas que me fazem diferente dependendo de onde eu estiver.

Da comunidade trago a minha descendência que demonstra na maneira de ser, embora eu tenha uma multidentidade, pois sou filha de indígenas, mãe de uma menina bilingue que mora e estuda na aldeia e, com muito orgulho, é falante da língua materna, professora da escola indígena na aldeia da rede municipal de Aquidauana. As aldeias que me refiro já são totalmente diferentes de tempos atrás onde todos falavam “vemó’u” que significa língua materna em português, independente da faixa etária.

Nas muitas idas e vindas que hoje realizo de Campo Grande até a aldeia para ver os parentes, os meus pais e em especial a minha filha, percebo, mesmo distante do território, ou seja, da aldeia, que estamos ligados através do “vûro”, que significa cordão umbilical em português, ou umbigo, pois antigamente o parto era feito dentro da casa na aldeia e o pai do bebê cavava buraco e o cordão umbilical era enterrado ali mesmo no pátio da casa e as pessoas mais idosas acreditavam que isso faz com que tenhamos uma ligação muito forte com a aldeia em todos os sentidos.

O lugar de onde falo está localizado a 70 km do município de Aquidauana e 180 km da capital Campo Grande - MS. Nesse município há três PIN - Posto Indígena, que são PIN Limão Verde, PIN Taunay e PIN Ipegue que compreende as dez aldeias. A Aldeia Ipegue onde está localizada a Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, possui 926 habitantes sendo 445 mulheres e 481 homens, segundo o censo da FUNASA (2009) é a maioria é Terena.

Cada aldeia é independente, pois cada uma delas possui um líder que antigamente era conhecido como “nâti”, que significa chefe indígena. Líder que era indicado com consentimento de todos, hoje conhecido como cacique, eleito através da eleição já seguindo o modelo dos “purútuye”, pessoas não indígenas.

O líder eleito passa a ser um membro de autoridade e de destaque para cada aldeia, ao almejar conseguir algo em comum, todos os líderes se juntam para lutar a favor do desejado. O cacique é um representante político da aldeia. Passa a negociar com os purútuye em nome da comunidade indígena que o elegeu, tem a responsabilidade de zelar pelo bem de todos e de cuidar da ordem. Assim, todos os que visitam a aldeia, não sendo da região ou morador da aldeia, devem passar pelo cacique, informar o motivo da visita e, a obrigação do cacique é consultar os conselheiros que são doze homens indicados e nomeados pelo cacique e um presidente desse conselho que tem o mesmo poder do cacique na sua ausência.

A aldeia Ipegue, campo da minha pesquisa e dos meus estudos, é composta por 926 pessoas que são residentes dentro dos limites geográficos pertencentes à essa aldeia, tem grupos familiares que, na maioria, são terena, que são responsáveis pela educação das crianças e de todos os moradores da comunidade.

As comunidades indígenas desde seus primórdios vêm tendo um contato direto com outros povos. O intenso contato com os “purútuye”, em busca de sua sobrevivência, nas fazendas, nas plantações e nas cidades acelerou o processo de desuso da língua materna, como por exemplo, ocorreu na Aldeia Ipegue.

Observa-se, ainda, que os indígenas da Aldeia Ipegue, a cada dia que passa, estão perdendo o uso da língua terena como fator de comunicação entre os moradores, e nota-se a dificuldade de usar a sua língua materna naquela comunidade, optando pelo uso da língua portuguesa na comunicação diária, ficando, assim, o idioma indígena em segundo plano no meio da comunidade. Hoje somente as pessoas mais idosas utilizam a língua materna e os mais jovens já não utilizam vemó'u na sua comunicação.

Esta situação causa preocupação, em particular na Aldeia Ipegue e em especial aos professores indígenas da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue, levando um profundo sentimento e reflexão sobre a identidade dessa comunidade, pois como observa Stuart Hall (2006) “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento de nascimento”. (Hall, 2006 p.38).

Em 1999, foi implantado pela Prefeitura Municipal de Aquidauana o Projeto Raízes do Saber. Este projeto baseia-se na nova Constituição Federal de 1988 que dá o direito às comunidades indígenas de utilizarem os seus processos próprios de aprendizagem e a língua materna. Esse projeto teve como objetivo, que nas Aldeias falantes da língua

Terena, fossem implantado na grade curricular a alfabetização das crianças em idioma Terena visando à valorização e à preservação da língua. O ensino na língua materna foi surpreendente, trouxe resultados positivos e um alto índice de alunos aprovados e menor índice de repetência e evasão escolar. Diferentemente na Aldeia Ipegue, onde o projeto leva em consideração que esta comunidade na sua grande maioria não é falante da língua Terena, foi adotado o projeto de recuperação da língua Terena, para que a comunidade seja conscientizada em valorizar o que tem de mais precioso que é o *vemó'u*, pois a língua é um sistema social e não um sistema individual como afirma Saussure:

Nós não somos, em nenhum sentido, os “autores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas no posicionamento no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (SAUSSURE. *Apud* HALL, 2006, p.40).

O trabalho de alfabetização na língua materna nas aldeias Terena permitiu uma experiência de suma importância no uso da língua e, ao mesmo tempo, trouxe uma preocupação em relação às diversas aldeias indígenas que não usam mais a língua indígena, sendo substituída gradualmente pela língua portuguesa.

Verificando rapidamente, o primeiro ano do ensino fundamental onde o aluno falante da língua Terena<sup>1</sup> é alfabetizado na sua língua materna observa-se o prazer e o interesse em aprender a ler e a escrever, com isso consideramos a importância da língua Terena como fator de relação interna na aldeia agregando grupos, fortalecendo valores étnicos e culturais, bem como na relação com as demais aldeias.

O povo Terena passou por diversas mudanças de práticas culturais que alteraram o seu modo de vida, em particular a educação e política interna nas aldeias, inclusive adotando outra forma de viver para conseguir a sua sobrevivência. E, para estarem inseridos no mundo globalizado, tiveram que negociar muitas vezes e assumir várias identidades dependendo o lugar que estejam.

---

<sup>1</sup>Na Aldeia Bananal, Distrito de Taunay, a 3 km da Aldeia Ipegue é possível observar esse processo de alfabetização. A comunidade é falante e a língua Terena é utilizada no cotidiano da aldeia, para comunicação e interação entre os sujeitos índios em todas as situações vivenciadas internamente; social, economia, política, religiosa e cultural.

Devido a vários acontecimentos ocorridos na vida dos Terena perdeu-se o sentido do sujeito estável, Hall (2006) fazendo com que haja deslocamento ou descentração do sujeito. Isso faz com que o indivíduo terena entre em crise de identidade, pois a mudança representa um processo de transformação. Essas transformações, por sua vez, fazem com que o sujeito indígena entre em crise de identidade.

A educação nas comunidades indígenas no passado era organizada pela igreja protestante, pelos católicos, e pelo SPI – Serviço de Proteção aos Índios. Os conteúdos programáticos eram diferentes, a começar pelo professor que era missionário norte americano, não falante da língua Terena, usava os métodos tradicionais da Escola secular do mundo dos “purútuye”, os conteúdos eram elaborados de acordo com a Escola secular, ou seja, conteúdos que vinham de fora da Aldeia. A prática pedagógica era de forma semelhante, ou seja, igual o modelo da escola urbana.

As aulas eram ministradas por professores não indígenas, basicamente na língua portuguesa, haviam professores indígenas com formação adequada para ministrarem aulas e alfabetizar na língua indígena, porém não foram oportunizadas. A escola e os professores levaram muitos anos para serem adequadas à cultura étnica dos índios. A nova Constituição Federal, promulgada em 1988, no seu artigo 210, assegura ao índio o direito à educação na língua materna e os processos próprios de aprendizagem.

A partir desse momento a educação escolar passa por uma nova reflexão e execução por parte dos gestores e principalmente dos mantenedores das Escolas Indígenas. Com o direito assegurado surge o momento do professor indígena para ministrar aulas em sua língua materna e com os processos próprios de aprendizagem, trazendo, assim, o novo formato na alfabetização da língua materna, valorizando a identidade cultural e preservando a cultura indígena.

A escola é uma das primeiras portas de entrada da inovação tecnológica, funciona como facilitadora, divulgadora, por ser uma instituição que recebe recursos para a implantação tecnológica, como é o caso da internet, telefone, televisão, a antena parabólica entre outros, e está presente no cotidiano da comunidade escolar.

Neste espaço escolar que a criança frequenta todos os dias, convivendo com pessoas falantes da língua portuguesa, onde a grande maioria dos professores não são Terena, influenciando e impondo que o outro fale a língua dominante como meio de comunicação, que vão fortalecendo outras práticas e a língua materna cai no esquecimento, deixando de ter importância como meio de comunicação.

O novo modelo da educação escolar indígena ganha a inovação tecnológica tornando-se um meio de comunicação e de aprendizado que é levado para os alunos em língua portuguesa, reforçando, assim, cada vez mais, a presença da língua portuguesa na comunidade escolar.

Esta inovação tecnológica também está presente dentro das casas das pessoas integrantes das comunidades Terena que absorvem e incorporam os modelos apresentados pelo mundo dos “purútuye” ou, muitas vezes, acomodam dentro da necessidade cultural, sem deixar de ser índio, infelizmente não falante da língua materna.

A invasão midiática que está acontecendo dentro das casas dos Terena na Aldeia Ipegue, como, por exemplo, a televisão, provocando mudança de hábitos e costume motivado pela tecnologia vem restringido os momentos de “ouvir as histórias dos mais velhos”, causando prejuízos deixando, em segundo plano, os conhecimentos tradicionais e do uso da língua Terena que deveria ser repassado aos mais novos os saberes Terena.

Diante do exposto, Stuart Hall, destaca, *A identidade cultural na pós-modernidade*, (2006), que o homem da sociedade moderna possuía uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas, com a mudança estrutural no mundo a cultura está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Antes as identidades eram peculiares como sólidas em suas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade.

Hall (2006) diz que a identidade cultural é contraditória, cruzando-se ou deslocando-se mutuamente. A identidade sofre contínuos deslocamentos ou descontinuidades e a escola deve estar alerta para que possa conseguir assegurar a identidade de uma comunidade, em particular as escolas indígenas onde a realidade é trabalhar a questão da valorização da identidade étnica e cultural, incluindo na grade curricular as disciplinas de suma importância como a Língua materna e a Arte Cultura Terena, como formador, revitalizador e de afirmação cultural, mesmo assim ainda é muito pouco, haja vista que o aluno possui uma hora aula por semana, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Fleuri (2003) alerta para a necessidade de estarmos preparados em atender as mais variadas culturas existentes no Brasil. Penso que, em especial, os povos indígenas Terena estar incluídos, em particular a Aldeia Ipegue, pois estes possuem uma cultura definida e que deve ser valorizada, para que não enfraqueçam a sua identidade entre os

deslocamentos e cruzamentos de identidades, mas preservem e fortaleçam a sua identidade cultural diante do mundo atual e no diálogo com outras culturas.

Diante dos deslocamentos que aconteceram e acontecem com os Terena, na afirmação do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1976)<sup>2</sup> na cidade de Aquidauana, existiam 11 famílias no lugar denominado de bairro Guanandy, todos oriundos da Aldeia Ipegue. Isto significa que os Terena possuem mobilidade e relacionamento com outros povos e culturas diferentes, que foram fortalecendo cada vez mais a língua portuguesa no lugar onde se encontram, no caso em Aquidauana, e quando voltam a Aldeia Ipegue, usam a mesma língua dominante para se comunicarem.

A presença dos Terena em Aquidauana justifica-se, segundo informação dos antigos moradores, pela busca de melhores condições de vida e melhor educação para os seus filhos. Neste deslocamento está o desejo de trabalhar na cidade como assalariado, muitas vezes sem nenhuma qualificação profissional.

Nesta falta de qualificação profissional os Terena da Aldeia Ipegue, não são diferentes, com esta carência de mão de obra qualificadas a comunidade recebe pessoas vindas da cidade para trabalharem como: enfermeiras, médicos, dentistas, psicólogos, assistente social, professores, vendedores ambulantes, entre outros.

Pensando nesta mobilidade social e relacionamento com outras pessoas já que não existe mais divisa territorial e cultural fixa, pois estes se encontram e se relacionam entre si, o povo Terena, convive diariamente com os “purútuye” em diversas áreas profissionais, como por exemplo na saúde e educação, onde a mobilidade acontece todos os dias, no movimento de ir e vir a cidade de Aquidauana, Campo Grande e outros lugares por meio de ônibus que circula da Aldeia Ipegue a Campo Grande – MS. Além, é claro, do fato de muitas famílias venderem seus produtos em Campo Grande, permanecendo lá até 15 dias consecutivos.

Diante do mundo globalizado e dos meios tecnológicos disponíveis que avançam muito rápido, encurtam a distância, aproximam pessoas, influenciando em adaptar-se a nova realidade do mundo ocidental, impondo o uso da língua dominante a todos os povos, onde nem mesmos os povos tradicionais e as comunidades indígenas não escapam desse novo modelo de linguagem, tornando-se atrativo aos jovens que são mais afetados e pousa como facilitador do desuso da língua materna como meio de comunicação.

---

<sup>2</sup> Roberto Cardoso de Oliveira identificou essas famílias em 1955, momento em que registrava a etnografia dos Terena.

Nesta imposição tecnológica nem os Terena estão excluídos, faz-se necessário um novo olhar para as pessoas integrantes da Aldeia Ipegue, buscando proposta para a “pró-revitalização” da língua materna, por meio da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue.

Isto não significa ausência de leis que garantam os povos indígenas, mas reúne um conjunto de leis e normas que orientam o sistema de ensino aos técnicos, gestores e professores na condução de processos educacionais no contexto de diversidade sociocultural e ainda efetivar os direitos dos povos indígenas numa educação intercultural que fortaleça a identidades de cada povo.

A Constituição Federal, no seu artigo 231, reconhece aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, para que os alunos possam ser alfabetizados na sua própria língua e a lei nº. 6001 de 19 de dezembro de 1973 que dispõem sobre o Estatuto do Índio no que se refere à Educação, no Título V, artigo 49, diz: “A alfabetização dos índios far-se á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira”.

Diante dessas leis os projetos aplicados nas comunidades indígenas começam a valorizar a sua cultura, principalmente a sua identidade, como afirma Fleuri (2003) quando fala da necessidade de colocar a proposta da educação intercultural, mas considerando a especificidade da formação das identidades culturais e dos processos de integração interétnica do Brasil.

A história da ocupação da sociedade Terena no Brasil passou por diversas situações em momentos diferentes, como o contato com outros grupos étnicos de forma pacífica ou de violência até mesmo de guerra.

De acordo com Martins: (2002, p.63).

“Acompanhando o ingresso do Guaikuru em território brasileiro, integrante da família lingüística Guaná, filiadas ao tronco Aruak entraram, a partir do século XVIII, em território Sul Mato-grossense, entre elas, destacam-se os Terena e os Kinikinau, agricultores e excelentes ceramistas”.

Para Ribeiro (1982) em função dos conhecimentos dos Guaná em lidar com o cultivo dos alimentos promovia o suprimento das necessidades do povo Guaikuru, em contra partida, este oferecia proteção contra o ataque dos inimigos, por sua vez a língua é muito mais que um meio de comunicação nesta relação.

De acordo com Oliveira (1976) a mudança começa a ocorrer na vida dos índios devido ao contacto com os não indígenas, proporcionando o contato estranho e desconhecido, encurralando os índios nos seus territórios, fazendo com que, os indígenas mudem os seus costumes e a cultura, de modo geral o seu modo de vida.

No relatório de Rondon (1901) outros acontecimentos na vida dos Terena são elencados. São eles: construção da linha telegráfica, em 1900, sob o comando de Candido Mariano da Silva Rondon e, em 1904, a fundação da Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil com o objetivo de ligar a cidade de Bauru a Corumbá no Mato Grosso. Estes acontecimentos foram marcantes na vida cotidiana dos índios Terena, exigindo a sua participação efetiva e intensificando o contato com os purutuye, incentivando mais ainda o desuso da língua Terena.

Cria-se o SPI - Serviço de Proteção aos Índios, em 1910, e os índios Terena passam a ser vistos de uma forma diferente, o SPI procurou desenvolver uma ação protetora, combatendo as forças externas dos “purútuye”, em particular os fazendeiros e coronéis que vinham explorar a mão-de-obra Terena. Mas, por outro lado, o órgão federal agenciava a mão-de-obra indígena; o funcionário público federal, o chamado “Chefe de Posto”, autorizava o trabalho assalariado aos “purútuye”, onde a tutela transformava-se em instrumento de dominação.

Pela primeira vez o Governo Federal assume definitivamente uma política indigenista. Com a instalação do SPI nas aldeias trouxe ainda maior interferência no cotidiano dos povos indígenas trazendo como conseqüência a perda da autonomia e da organização tribal dos indígenas.

O desrespeito na organização social Terena ficou evidente quando o SPI introduziu a figura do “Capitão” dentro da Aldeia, para ser o representante oficial da comunidade, enfraquecendo e desconhecendo a organização social dos Terena, especificamente o Conselho Tribal da Aldeia.

A indicação de um Terena pelo SPI para ser o cacique, o intermediário entre a comunidade e o representante do governo federal, fazendo, deste modo, que a instituição protetora sobrepusesse às lideranças tribais, quebrando as estruturas tradicionais de poder e representação. Com isso, passam a ser orientados por não indígenas na pessoa do chefe do Posto Indígena, passando a servir como mão-de-obra indígena barata na agropecuária e servir aos interesses dos fazendeiros.

Com relação à comunidade Terena da Aldeia Ipegue é possível observar uma peculiaridade especial que esta comunidade apresenta através dos moradores que é a intensa mobilidade entre aldeia e cidades.

Nesta mobilidade os pesquisadores (PAES, 2006), (ISAAC, 2004), (OLIVEIRA, 1976), afirmam a presença de famílias indígenas instalada na área urbana e suburbana vivendo como cidadinas. Esses indígenas com certeza possuem suas famílias na aldeia de origem, como é o caso da Aldeia Ipegue, trazendo para a aldeia um novo jeito de viver: os costumes da sociedade nacional, em particular, a língua portuguesa, conforme está descrito no capítulo três desta dissertação.

De acordo com Oliveira (1976), as Aldeias Bananal e Ipegue canalizam para as cidades de Campo Grande e Aquidauana muitas pessoas. Bananal está em primeiro lugar, entre as aldeias, 23,91% e Ipegue em segundo com 18,11%, [...].

Segundo dados da FUNASA (2009) no total de 926 pessoas moradoras da Aldeia Ipegue, 12% são consideradas pessoas em trânsito, ou seja, que estão fora da Aldeia, morando nas fazendas, cidades e chácaras nos arredores das cidades do Estado de MS. Essa mobilidade continua até nos dias de hoje.

Durante a instalação das fazendas de gado nas proximidades da Aldeia Ipegue os indígenas serviram de mão-de-obra para atender aos interesses dos fazendeiros. Esses são aspectos que devem ser considerados pelo intenso contato com a sociedade envolvente tornando-se como mais uma agência de mudança da cultura.

O trabalho feminino na cidade é outro fator que deve ser considerado que traz o costume da sociedade regional na educação dos filhos, principalmente, usando a língua portuguesa que exige para a sua comunicação diária, e, quando retorna a sua aldeia, já vem com hábitos e culturas modificados. Como afirma Oliveira (1976 p. 79): “[...] Estas quando migram, o fazem fora do sistema *labour migration*, pois tendem a se instalar por largas temporadas nas residências cidadinas, como domésticas, ou em hotéis e pensões, como serviços, [...]”.

Somente a Aldeia Ipegue é que ficou ilhada no contexto do uso da língua como fator de redução da língua na comunicação, levando em consideração as três Aldeias de grande densidade populacional falante da língua Terena como é o caso das Aldeias Bananal, Lagoinha e Água Branca. O que nos permite pensar, ainda segundo o percentual apresentado no passado, que a Aldeia Bananal, estaria em primeiro lugar na mobilidade

social dos índios e que a Aldeia Ipegue estaria em segundo lugar neste deslocamento conforme os relatos de Oliveira em 1955 durante o trabalho de etnografia.

Isso significa que Aldeia Ipegue está aberta para o mundo, permitindo a entrada de pessoas da sociedade nacional, bem como a saída dos Terena da Aldeia, encontrando-se com diversidade cultural por onde passam.

Penso que não devemos nos fechar na nossa aldeia, mas reescrever o conhecimento, reinscrever a tradição a partir da nossa raiz, nos permite abrir ao mundo globalizado estabelecendo relações entre outras pessoas, principalmente os não indígenas.

Isso mostra que somos uma comunidade unida, pois conseguimos através de muita negociação garantir as nossas tradições frente a vários acontecimentos ocorridos na nossa história, somos símbolo de resistência, pois até hoje estamos crescendo e recuperando o que perdemos no passado, e não somos o que os capitalistas pensam: fracassados que aceitam tudo e em alguns anos vamos nos dissolver no meio da sociedade capitalista.

Assim, por ser moradora da Aldeia Bananal vizinha da Aldeia Ipegue tive oportunidade de observar a diferença que existe entre as duas aldeias tão próximas. Hoje penso que a língua deve ser preservada muito mais, pois é através dela que conseguimos afirmar a nossa identidade, manter viva a nossa cultura e continuar a nossa luta pela terra, pela educação. Tive a oportunidade de estudar com muita luta, trabalhar, aprender e ensinar no decorrer desses anos e por ter sentido na pele todas as dificuldades que a educação indígena ainda passa hoje, me sinto ainda mais motivada a buscar e ampliar meus conhecimentos para poder continuar contribuindo com as crianças indígenas, a escola indígena, os educadores indígenas e a comunidade indígena onde vivo.

Portanto, este trabalho tem por objetivo geral identificar os motivos que levaram a comunidade Terena da Aldeia Ipegue a não assegurar o uso da língua Terena, como primeira língua, e quais as conseqüências deste desuso como fator de relação interna na aldeia agregando grupos ou não, fortalecendo valores étnicos e culturais, bem como na relação com as demais aldeias.

A partir dessa análise, descrever a trajetória histórica do uso da língua Terena na Aldeia Ipegue, identificando os fatores que levaram a desvalorização da língua Terena; investigar como e porque a Escola Indígena Feliciano Pio, da Aldeia Ipegue está trabalhando na preservação ou recuperação do uso da língua Terena; compreender historicamente as relações sociais internas da comunidade indígena da Aldeia Ipegue e

com a sociedade regional e, finalmente, identificar a reação dos alunos ao estudo da língua indígena na escola.

Trata-se, pois, de uma pesquisa com olhar etnográfico, pelo fato de eu ser Terena e atuar como professora, na escola da Aldeia Bananal, vizinha da Aldeia Ipegue e estar inserida na comunidade daquela aldeia como pesquisadora, levantando dados, entrevistando pessoas, observando o cotidiano da comunidade escolar e da comunidade em geral.

Os procedimentos metodológicos incluíram, no primeiro momento, o levantamento bibliográfico relativo às pesquisas educacionais, antropológicas, lingüísticas e sociológicas, cujo enfoque fosse o povo Terena. Logo, passamos à análise documental, reunindo, selecionando e organizando relatórios de questionários estruturados para entrevistas, projeto político pedagógico da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, atas de reuniões de Escola e outros registros que pudessem subsidiar informações sobre a população da Aldeia Ipegue.

A pesquisa de caráter etnográfico exige procedimentos mais autêntico que possibilita a facilidade de interpretar a coleta de dados no trabalho de campo, com a permanência da pesquisadora no ambiente pesquisado, observando e vivenciando o cotidiano dos sujeitos da aldeia. Na coleta de dados de campo foram utilizados questionários, entrevistas, observação *in loco* na Escola, no Posto de Saúde, nas Igrejas da Aldeia Ipegue, acompanhado de registro fotográfico. As entrevistas estruturadas foram aplicadas a idosos, professores Terena, professores não indígenas.

Após a coleta dos dados de campo, buscou-se a interpretação desses dados, cotejando-se as respostas das perguntas efetuadas aos participantes preferencialmente aos falantes da língua Terena. A observação participante permitiu consolidar a nossa análise, a partir da convivência e de diálogo com as pessoas residentes na Aldeia Ipegue.

Como fundamentação teórica, optamos, em especial, pelos textos de Martins (2002); Bittencourt e Ladeira (2000); Taunay (1931); Alves Ribeiro (1984); Relatórios de Rondon (1901); Altenfelder Silva (1946); Cardoso de Oliveira (1976); Geertz (1983); Bhabha (2000); Hall (2003); Hall (2006), entre outros, além de artigos e documentos como, por exemplo, a Constituição Federal de 1988, Lei Diretriz Básicas da Educação Nacional (9394/96) e o Estatuto do Índio. Lei nº 6001 de 19 de dezembro de 1973.

No primeiro capítulo da presente dissertação busca-se mostrar o desenvolvimento histórico do povo Terena, desde a migração do “Exiva” até chegar às reservas atuais no estado de Mato Grosso do Sul.

Para tanto dividi o capítulo em vários subitens como: A migração do Terena do Exiva; A ocupação dos Terena no Estado de Mato Grosso do Sul; A Guerra do Paraguai e a dispersão dos Terena; Os Terena Pós-Guerra; A servidão – final do século XIX; Rondon e os Terena – a demarcação dos territórios; A relação dos Terena com a sociedade nacional;

Utilizamos como referencial teórico os estudos de Martins (2000) no que diz respeito ao ingresso de várias etnias chaquenas em território brasileiro, inclusive o Terena, a partir do século XVIII, na região do pantanal sul mato-grossense.

Também apoiamos na obra de Bittencourt e Ladeira, “História do Povo Terena” (2000) para compreender o panorama histórico dos Terena, revelando também a saída do “Exiva” e diversos acontecimentos históricos durante a trajetória.

A obra clássica de Taunay (1931), “Entre os nossos Índios”, que traz a descrição da dispersão e ocupação dos índios Terena e Kinikináu no vale da serra de Maracajú, hoje Aldeia Limão Verde, local de resistência e confronto do grande episódio bélico durante a Guerra do Paraguai, sob a liderança do Terena Pacalalá.

Após a Guerra do Paraguai iniciou a fase registrada pelo antropólogo Oliveira (1976), Silva (1946/1947) de “servidão”, quando os Terena estavam dispersos em diversas fazendas da região do Distrito de Taunay, sendo explorado pelo latifúndio.

A obra “150 anos de Taboco, Balaio de Recordações”, Renato Alves Ribeiro (1984), um dos herdeiros da Fazenda Taboco, afirma que, nas fazendas, oitenta por cento da peonada era de índios, ficando o serviço doméstico nas casas dos patrões pelas mulheres Terena.

No final do primeiro capítulo, procuramos compreender e comparar a dinâmica social dos Terena da Aldeia Ipegue, por meio da obra de Oliveira (1976), quanto a saída dos Terena para morar nas cidades vizinhas ou para trabalhar como braçal temporariamente e retornar a Aldeia.

O capítulo dois também foi subdividido em vários subitens tais como: A Organização Social; O modelo atual da moradia na Aldeia Ipegue; Os “koixómoneti” e os “engelé” protestantes; Saberes Tradicionais – Economia de subsistência; Festas Cerimoniais Terena.

Inicialmente buscamos os registros de Fernando Altenfelder Silva (1946/1947) que menciona os Terena por ocasião da Guerra do Paraguai (1864/1870), quando os Terena já falavam a língua portuguesa.

Na obra revela-se a distribuição espacial e o modelo de construção das casas dos Terena no “Exiva”, permitindo verificar a diferença nos dias atuais, principalmente na Aldeia Ipegue, seguindo uma formatação urbana imposta pelo SPI, com ruas e quarteirões, com objetivo de integrar o índio na sociedade nacional.

Para descrever a organização social dos Terena, nós apoiamos no antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1976), que descreveu a organização social dos Terena em três camadas sociais que consistia em: “Nâti” classe dos chefes e caciques e sua família; “Vahere Xânená” que significa gente ruim, consistia a maioria das pessoas e por fim os “kauti” que significa escravo, que eram capturados da guerra.

Kelervo Oberg (1949) em sua obra clássica faz uma análise sobre os “kauti” que eram pessoas capturadas nas incursões de guerra contra outros povos, preferencialmente os meninos e meninas que depois de crescidos se tornavam membros da família e que era difícil de fugir para retornar o seu povo de origem.

Utilizamos também a obra de Guido Boggiani (1975) que reporta os Terena quanto ao tipo de tratamento dado aos “kauti” quando capturavam crianças. Na falta das mães para amamentar o recém nascido às mulheres dos mbyá o faziam sem menor constrangimento.

Devido a este tipo de tratamento eram considerados membros da família do seu senhor, comiam junto com a família e faziam parte das festas e jogos, tamanho era o apego com a família.

No terceiro capítulo, o trabalho também foi dividido em vários subitens como: Localização da Pesquisa; Histórico da Educação Escolar Indígena na Aldeia Ipegue; A influência da Escola no desuso da língua Terena; A Escola como espaço social; A língua Terena.

Inicialmente neste capítulo procurei relatar o percurso histórico escolar da Aldeia Ipegue, desde quando os padres redentoristas chegaram em 1912, passando pela implantação da escola pelos missionários protestante.

Recorremos em primeiro lugar à Constituição Federal promulgada em 1988, no seu artigo 210, que assegura ao índio o direito à educação na língua materna e os processos próprios de aprendizagem.

No Projeto “Raízes do Saber”, elaborado e implantado em 1999, pela Prefeitura Municipal de Aquidauana – MS, com vistas a atender a exigência da lei, foram capacitados diversos professores Terena efetivos da Rede Municipal de Educação por meio da professora Nancy Evelyn Butler, responsável pelo projeto, com peculiaridade para a Aldeia Ipegue, onde foi proposta a revitalização da língua em virtude do desuso da língua materna.

Nas considerações finais, foram expostos os fatores e as conseqüências que o desuso da língua Terena trouxe para a comunidade da Aldeia Ipegue, procurando responder o objeto da pesquisa, os objetivos gerais e os objetivos específicos. Foram citadas as obras e os autores da literatura que tratam de estudos sobre o povo Terena e a língua Terena. Conforme aponta a pesquisa durante o estudo, a língua na Aldeia Ipegue está sendo substituída pela língua portuguesa, como meio de comunicação oral e escrita entre os moradores, bem como para a comunicação fora da Aldeia.

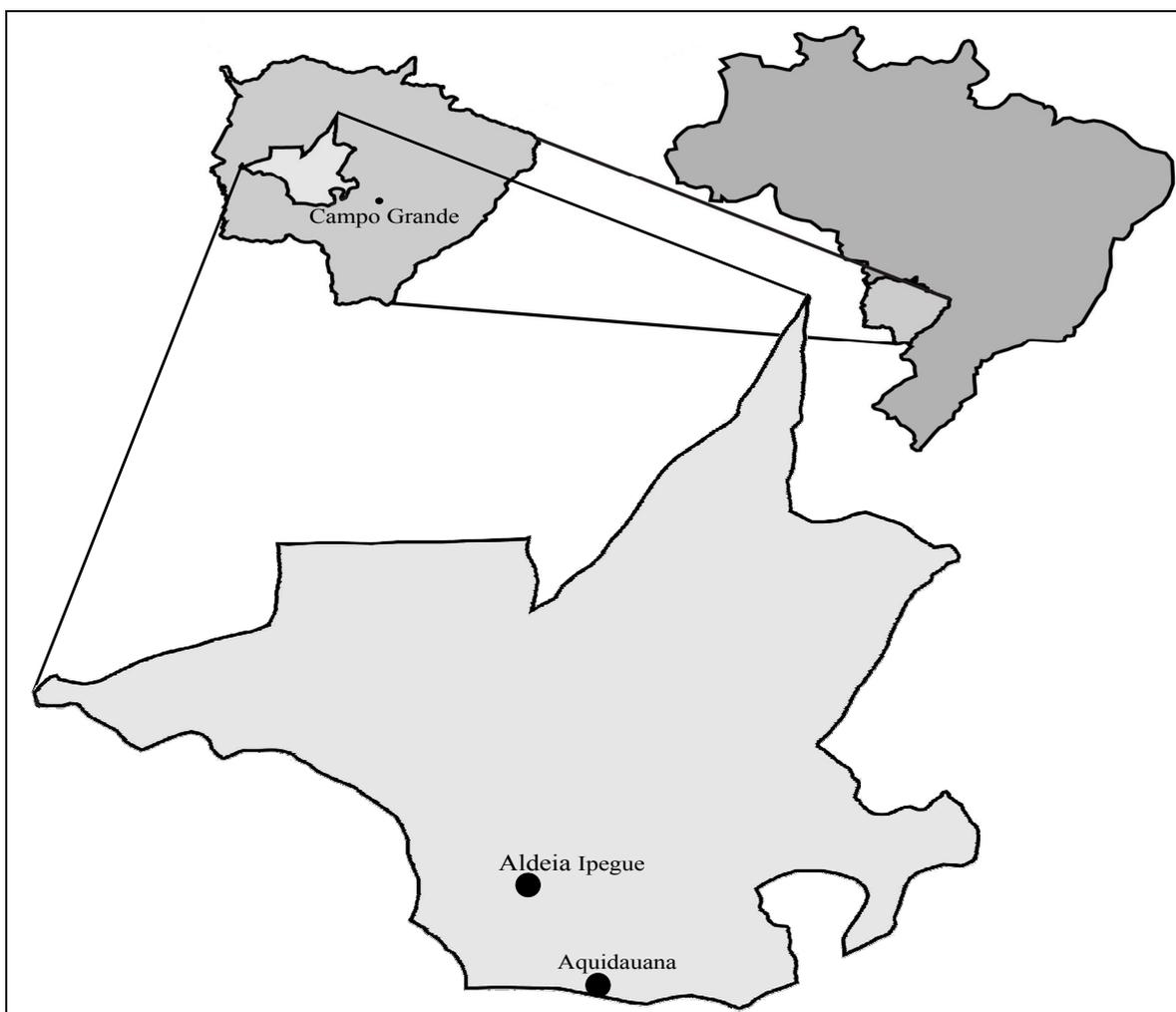
# CAPITULO I

## A HISTÓRIA DO POVO TERENA

### A migração dos Aruak do Exiva para o Mato Grosso do Sul

#### 1.0 – Localização da Pesquisa

A Aldeia Ipegue está localizada a 70 km do município de Aquidauana e 180 km de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. O PIN – Posto Indígena Ipegue foi reconhecido em 1969 pela Portaria nº 136. O Presidente da FUNAI - Fundação Nacional do Índio era Romero Jucá Filho que tornou sem efeito a Portaria nº 136/69 e passou a reestruturar o PIN Ipegue através da Portaria nº 674/87, composta pelas Aldeias Ipegue e Colônia Nova, as quais estão jurisdicionadas a este Posto Indígena. A aldeia Ipegue possui 926 pessoas sendo 445 mulheres e 481 homens, segundo o censo da FUNASA (2009), em sua maioria são Terena, contando com a presença de alguns “purutuye” que residem na aldeia. O mapa mostra a localização da pesquisa.



Neste primeiro capítulo buscamos mostrar o desenvolvimento histórico do povo Terena, desde a migração do “Exiva” até chegar às reservas atuais. Recorremos aos estudos de Martins (2002) para desenvolver a presente dissertação no que diz respeito ao ingresso de várias etnias chaquenhas em território brasileiro o que aconteceu a partir do século XVIII, na região do pantanal sul mato-grossense.

Buscamos também o apoio da Bittencourt e Ladeira em sua obra “História do Povo Terena” (2000) para compreender o panorama histórico, revelando também a saída do “Exiva” e diversos acontecimentos históricos durante a trajetória do povo Terena, registrando o primeiro aldeamento no município de Miranda e a dispersão dos índios em consequência da Guerra do Paraguai.

O importante livro que não poderíamos deixar de citar, a obra clássica de Taunay (1931), “Entre os nossos Índios”, que traz a descrição da dispersão e ocupação dos índios Terena e Kinikináu no vale da serra de Maracajú, hoje Aldeia Limão Verde, local de resistência e confronto do grande episódio bélico durante a Guerra do Paraguai, sob a liderança de Pacalalá, jovem herói Terena.

Após a Guerra do Paraguai iniciou a fase chamada pelo antropólogo Oliveira (1976), Silva (1946/1947) de “servidão”, quando os Terena estavam dispersos e foram forçados a trabalhar nas fazendas de gado, que exigiu energia e resistência dos índios na exploração de mão de obra pelos latifúndios.

Na obra “150 anos de Taboco, Balaio de Recordações”, Renato Alves Ribeiro (1984) afirma que, nas fazendas, oitenta por cento da peonada era de índios, sendo que o serviço doméstico nas casas dos patrões sempre foi exercido pelas mulheres indígenas.

No final do primeiro capítulo, buscamos a obra de Oliveira (1976) para compreender e comparar a dinâmica social dos Terena da Aldeia Ipegue quanto a saída dos Terena para morar nas cidades vizinhas ou ainda para trabalhar temporariamente e retornar a Aldeia Ipegue.

Atualmente os dados da FUNASA (2009) informam que a mobilidade dos Terena continua aumentando com 12% dos moradores que saem e possuem sua residência em diversos lugares, ou seja, fora da Aldeia Ipegue.

O objetivo deste capítulo é contextualizar a migração dos índios Terena, do *Êxiva*<sup>3</sup> até a sua territorialização no Mato Grosso do Sul, após a Guerra do Paraguai com a participação intensa dos Terena contra os paraguaios. Objetiva-se também, discutir os

---

<sup>3</sup> Exiva na língua Terena significa Chaco Paraguaio, como é reconhecido até hoje pelos Terena.

deslocamentos que os indígenas passaram devido a vários acontecimentos ocorridos desde a sua saída do Chaco Paraguai até as suas reivindicações junto as autoridades para se instalarem novamente nos territórios que ocupavam antes, que é a região atualmente conhecida como Miranda. Desde a sua saída houve dispersão indígena pelos territórios, ocupando quase todo o Estado de Mato Grosso do Sul, antigamente Estado de Mato Grosso.

## 1.1 - A migração do Terena do Exiva

A história do povo Terena no Brasil começa a partir do momento que se migra da sua terra nativa, e este passa a ser o primeiro grande acontecimento da vida desse povo, do qual temos relato é longa e podemos conhecer melhor esta história através de produtos da cultura material como a cerâmica, a comida, a tecelagem, as danças, a língua e os rituais, que nos dão noção de como era a vida dos indígenas e que, atualmente alguns desses hábitos e costumes do povo tradicional já não se faz presente no seu dia a dia.

Os Terena, um dos maiores grupos indígenas do Brasil, do tronco Guaná de língua Aruak, conserva elementos em comum com a língua falada pelos Kinikinau e Laiana. Apesar de algumas diferenças podemos reconhecer que eles pertencem a família lingüística Aruak.

O nome Aruak vem dos povos que habitavam as Guianas e devido a disputa de seus territórios com os europeus começaram a ter contato com outros povos, como afirma Bittencourt e Ladeira:

O nome Aruak vem de povos que habitavam principalmente as Guianas, região próxima ao norte do Brasil e algumas ilhas da América Central, na região das antilhas. Quando os europeus começaram a dominar a região, os Aruak dividiam e disputavam o mesmo espaço com outro povo indígena, os Karib. E foi com estes dois povos que os europeus tiveram seus primeiros contatos. Tal como aconteceu com o nome Karib, que passou a designar aquela região, o Caribe, também o nome Aruak veio a ser usado pelos europeus para identificar um conjunto de línguas encontradas no interior do continente sul-americano. (BITTENCOURT E LADEIRA, 2000, p. 12)

Pode-se dizer que é um povo guerreiro que sempre soube negociar com a sociedade nacional para a sua sobrevivência. O povo Terena habitava uma região conhecida como *Êxiva*, lugar que fica próximo de minas de metais preciosos e que era disputado pelos

européus. O grupo que falava a língua Aruák recebeu o nome de Guaná, que no idioma Chané significa muita gente, e se subdividiam em Etelenoé ou Etelena, Echoaladi, Quiniquinau (Equiniquinau) e Laiana.

A riqueza de minas de ouro existente naquele lugar fez com que houvesse conflito, pois trouxe os espanhóis, e logo, os portugueses, e a guerra foi uma consequência inevitável que fez com que os Terena saíssem da sua região procurando refúgio em outro lugar. Os indígenas se uniram para tentar defender seu povo, a saída dos indígenas deste lugar – *Êxiva* – aconteceu devido o conflito com os colonizadores que buscavam riquezas nesse território, entrando pelo rio Paraguai em grandes expedições.

O Terena é um povo agricultor que se dedica a prática da agricultura de subsistência para o sustento familiar e pratica também a coleta de frutas e mel silvestre por onde passam.

A agricultura praticada pelos Terena era feita em forma de coivara: era preciso ser retirada as madeiras carbonizadas para o plantio e contava com a presença das crianças e mulheres no trabalho.

Utilizavam uma madeira pontiaguda para plantar, carpir ou limpar o Kavâne<sup>4</sup> e os mais velhos passava para as crianças o modo de trabalhar a terra dentro da cultura Terena, mobilizando toda a família no preparo do plantio e os ensinamentos particulares as crianças do uso da técnica do plantio de acordo com os saberes Terena.

Os conhecimentos tradicionais eram repassados durante o trabalho na roça por meio dos pais ou avós que se comunicavam através da língua Terena, que na época era predominante.

O conhecimento e o domínio da prática da agricultura de subsistência, atividade importante para o sustento da família Terena, entremeando com coleta de frutas e mel silvestre, levou os Guaicuru a estabelecer um pacto de aliança com os Terena, em virtude da necessidade do sustento em apoio logístico para a sobrevivência do grupo enquanto estavam nas incursões de guerras.

Desde então já houve o contato mais intenso com outros povos de outras culturas fazendo com que o modo de ser Terena se modificasse mais rapidamente. Essas diferenças facilitavam as relações de trocas entre eles para protegerem as suas aldeias e garantir a sobrevivência das suas famílias e até chegaram formalizar alianças com a nação Guaikuru na questão da segurança contra os inimigos.

---

<sup>4</sup> Kavâne na língua Terena significa roça de coivara para a prática da agricultura de subsistência.

Para Ribeiro (1982), em função dos conhecimentos dos Guaná em lidar com o cultivo dos alimentos, eles promoviam o suprimento das necessidades do povo Guaikuru, que, em contra partida, ofereciam proteção contra o ataque dos inimigos.

Devido o domínio da agricultura, o Terena sempre se apoderou de técnicas de produção de alimentos como subsistência e ao mesmo tempo forneciam para outros povos, em troca exigiam a cobertura de defesa contra ataques dos inimigos, fazendo trocas e negociações individuais e coletivas.

## **1.2 - A ocupação dos Terena no Estado de Mato Grosso do Sul**

A história da ocupação da sociedade Terena no Brasil passou por diversas situações em momentos diferentes, como o contato com outros grupos étnicos de forma pacífica ou de violência e até mesmo de guerra.

De acordo com os Terena, a exemplo da dona Lídia Gonçalves<sup>5</sup>, nascida no dia 19 de janeiro de 1910, moradora da Aldeia Bananal que reconhece a história do povo chaquenho, pelos comentários feitos pelos seus antepassados, uma das lembranças marcada pelos Terena foi a travessia do rio Paraguai. Segundo seu relato, os Terena tiveram que improvisar uma balsa feita de bambu enrolada no couro de vaca para manter flutuando, para navegar junto com os filhos durante a travessia, chegando às margens orientais, migrando em direção ao pantanal sul mato-grossense.

Os Terena migraram para Mato Grosso do Sul, no século XVIII, na região conhecida como Miranda que era desabitada naquela época. Sempre se dedicaram a plantações, como milho, mandioca e outros. Foram obrigados a fazer alianças para que pudessem manter sua sobrevivência, entrando em contato com outras culturas.

O Terena é um povo aguerrido, cuja trajetória segue em meio a muitas lutas e acontecimentos que ocorreram durante o seu percurso histórico tais como: encontro com diversos grupos étnicos e o contato com os “purútuye”<sup>6</sup>, que o levou a fazer muitas alianças e acordos para que pudesse sobreviver enquanto uma nação.

O contato com a sociedade ocidental, a Guerra do Paraguai, a servidão nas fazendas, a reorganização da comunidade indígena, a criação do serviço de proteção (SPI e

---

<sup>5</sup> Neste capítulo a entrevistada permitiu a citação do nome em virtude de pertencer a família extensa da pesquisadora.

<sup>6</sup> Purutuye na língua Terena significa branco.

FUNAI), a educação secular e religiosa foram elementos que produziram muitos obstáculos, os quais os Terena precisaram atravessar. Algumas aldeias como, Ipegue, Imbirussú, Limão Verde e Colônia Nova, do município de Aquidauana estão, a cada dia que passa perdendo o uso da língua Terena como fatores de comunicação entre os moradores, em particular a comunidade indígena Terena da Aldeia Ipegue. Na dificuldade de usar a língua Terena, essa comunidade passa a optar pelo uso da língua portuguesa na comunicação diária, ficando assim, o idioma indígena em segundo plano.

Os “purútuye” precisavam da amizade dos indígenas para conseguir dominar a região, com isso foram orientados por chefes “purútuye” e eles foram obrigados a adotarem o modo dos “purútuye”, mas o Terena sempre mantiveram sua aliança com o Guaicuru para continuarem dominando a sua região.

O povo Terena encontrou terras favoráveis para a sua sobrevivência no Mato Grosso do Sul e nesta Comunidade (Aldeia Ipegue), são datadas pelos historiadores, a partir do século XVIII as suas histórias.

Martins: (2002, p.63) afirma que:

Acompanhando o ingresso do Guaikuru em território brasileiro, integrante da família lingüística Guaná, filiadas ao tronco Aruak entraram, a partir do século XVIII, em território Sul Mato-grossense, entre elas, destacam-se os Terena e os Kinikinau, agricultores e excelentes ceramistas.

Os Kinikinau e os Terena foram os primeiros a ocuparem a região de Miranda e, após, a região de Aquidauana, e isto aconteceu pelas terras favoráveis a prática da agricultura e muitas vezes deparavam com espanhóis e portugueses durante a chegada de gado que vinham da região de Cuiabá, no Estado de Mato Grosso, e Minas Gerais no século XVIII. No mesmo contexto, houve disputa entre os espanhóis e portugueses, pois queriam tomar posse da região e expulsar as populações nativas, como afirma Bittencourt e Ladeira (2000. p. 41):

Assim, enquanto os espanhóis queriam instalar fazendas de gado para efetivar a posse na região e expulsar as populações nativas, os portugueses procuraram garantir o domínio da região através da construção de fortes e acordos com os índios. Já nessa época os Guaná vendiam no forte de Coimbra redes e panos, batatas, galinhas e porcos e, em troca recebiam objetos de metais e tecidos.

Os “puxâra”<sup>7</sup> tentaram de várias formas negociarem com os indígenas para conseguir a sua amizade, pois o que eles queriam era tomar posse da região e expulsar a população nativa. Era grande a quantidade de índios na região que atualmente é conhecida como Mato Grosso do Sul, e a chegada dos Terena nessa região estava ligada à questão econômica e, conseqüentemente a invasão de colonos ocupando as terras indígenas conhecida como terras “devolutas”, trazendo prejuízo e conflito territorial entre os Terena e os puxâras.

### **1.3 - A Guerra do Paraguai e a dispersão dos Terena**

O segundo grande acontecimento na vida dos Terena foi a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) na qual tiveram que participar para defender a vida de seu povo e de seu território. A presença indígena no exército brasileiro foi de suma importância na luta contra os paraguaios, pois eles conheciam a região e passaram a ser os guias e transportadores de alimentos para os soldados “purútuye”.

O Terena é um povo muito observador, isso foi importante para o exército, pois através do jeito Terena fez com que os “purútuye” conseguissem vencer os paraguaios. Atualmente esse jeito Terena de ser ainda continua, pois eles são quietos, observadores e consegue articular e vencer o inimigo no momento oportuno, e quando é preciso aliar com o inimigo o faz sem nenhum problema para sobreviver e continuar na luta.

Durante a guerra houve muita morte de índios Terena devido a epidemia de cólera e de confronto com os inimigos.

Devido a acontecimentos ocorridos na vida do povo Terena, este passou por diversas mudanças de políticas e práticas culturais que alteraram o seu modo de vida, no seu jeito de viver e ser Terena, no caso a organização social e espacial, a política interna nas aldeias, adotando outra forma de viver.

De acordo com Oliveira (1976), a mudança começa a ocorrer na vida dos índios em conseqüência do contacto com os não indígenas, proporcionando o contato estranho e desconhecido, encurralando os índios nos seus territórios, fazendo com que, os indígenas mudassem os seus costumes e cultura, de modo geral o seu modo de vida.

Com a Guerra do Paraguai (1870) aconteceu três momentos diferentes: um grupo chegou antes da Guerra do Paraguai instalando-se na região conhecida como cabeceira da

---

<sup>7</sup> Puxâra na língua Terena é outro nome dado ao homem branco ou mulher branca.

onça, o segundo grupo permaneceu na região entre os rios Aquidauana e Miranda fugindo da guerra, o grupo se abrigou nesta região conhecida atualmente como Aldeia Limão Verde devido ser praticamente rodeado de morros e assim, estariam seguros. Essa aldeia foi fundada durante a guerra o último e terceiro grupo foi chegando e passando de fazenda em fazenda até se acomodarem nessa região, que é a Aldeia Limão Verde ocupada e constituída, permitindo o aparecimento de muitas aldeias em outros municípios.

A aldeia Ipegue antes da guerra do Paraguai já existia e durante a mesma foi destruída sendo reconstruída depois da guerra como Rondon registrou em seu relatório em (1901). Desde a sua reconstrução houve várias mudanças que fizeram dela uma aldeia totalmente diferente das outras aldeias vizinhas, um dos exemplos é a permissão da presença dos “purútuye” dentro da aldeia, o que não ocorre nas outras com tanta facilidade.

Com a guerra, os índios se dispersaram ocupando várias regiões do atual Estado de Mato Grosso do Sul, em várias cidades, como Miranda, Aquidauana, Nioaque, Dois Irmão do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Campo Grande e Dourados.

#### **1.4 - Os Terena Pós-Guerra**

A Guerra do Paraguai foi um dos acontecimentos que marcou profundamente a vida dos Terena, pois o confronto ocorreu no território deste povo: todas as aldeias que existiam na região de Miranda e Aquidauana desapareceram durante os conflitos.

Com o fim da guerra, em (1870), os Terena começaram a voltar para as suas aldeias, mas, infelizmente várias aldeias nunca mais foram reconstruídas ou recuperadas. Algumas das regiões foram ocupadas por fazendeiros que se aproveitaram do fato para se instalarem nas terras pertencentes aos índios. Os mesmos lutaram na guerra para garantirem os seus territórios, mas infelizmente não foram reconhecidos fazendo com que a vida dos Terena começasse a ser bem diferente a partir daquele momento histórico.

As fazendas se multiplicaram, devido o incentivo do governo brasileiro, e os Terena se viram cercados de fazendas e todas as suas plantações eram destruídas pelo gado. Com isso, eles passaram a se sentir mais cercados sem ter nenhuma saída, sendo obrigados a serem mão-de-obra nas fazendas de gado, como afirma o entrevistado Celso Fialho<sup>8</sup>:

---

<sup>8</sup> Neste caso o entrevistado permitiu citar o seu nome na dissertação.

O meu pai Thomaz Fialho sempre trabalhou nas fazendas vizinhas, sofreu muito, para nos sustentar, ele trabalhava de sol a sol para ganhar pouco, era a única fonte de renda para as famílias, hoje eu não sofro mais como meu pai sofria.....graças aos meus filhos, hoje temos melhores condições de vida, temos emprego e outras fontes. Antigamente não tinha outra saída a não ser trabalhar nas fazendas.

## 1.5 - A servidão – final do século XIX

Alguns relatos orais evidenciam a servidão no meio do povo Terena quando o indígena Estrela<sup>9</sup> relembra como o seu pai trabalhava quase de graça nas fazendas vizinhas das aldeias do município de Aquidauana:

Meu pai desde que se casou com a minha mãe sempre trabalhou nas fazendas, naqueles anos eram difíceis, não tinha salário, meu pai trabalhava, trabalhava e nunca conseguia pagar a sua dívida com o seu patrão, meu pai teve que trabalhar até o fim da sua vida para nos sustentar, não tinha escola para a gente estudar, não tinha nada o que tem hoje, hoje vocês tem tudo e aproveitem as condições que vocês tem.

Os indígenas eram obrigados a trabalhar de graça para os fazendeiros como afirma o indígena Sol<sup>10</sup>:

Desde criança já comecei a trabalhar na fazenda porque meu pai teve que sair da aldeia, porque não tinha condição de plantar nem de sustentar os seus filhos e fui com ele trabalhar era muito difícil de sair da fazenda a gente trabalhava de cedo até de noite só para ganhar um pouquinho, eu não via o dinheiro, a gente ia direto no bolicho, pra pegar o que a gente precisava, mal falo português, algumas palavras não entendia e o meu capatá aproveitava pra me enganar eu não sabia quanto eu ganhava por mês, é isso.

Rondon afirma que os Terena serviam de mão-de-obra barata e não tinha como escapar das mãos dos grandes fazendeiros:

Os Terena são comumente explorados pelos fazendeiros. É difícil encontrar um camarada Terena que não deva ao seu patrão os cabelos da cabeça... Nenhum “camarada de conta” poderá deixar o seu patrão sem

<sup>9</sup> Neste caso os informantes receberam pseudônimos, com nomes relacionados à natureza e a cultura Terena.

<sup>10</sup> Neste caso os informantes receberam pseudônimos, com nomes relacionados à natureza e a cultura Terena.

que o novo senhor se responsabiliza. E, se tem ousadia de fugir, corre quase sempre o perigo de sofrer vexames, pancadas e não raras vezes a morte [.....] (RONDON, 1901, p.83)

Durante o período da servidão os indígenas mais uma vez tiveram que negociar em vários momentos para conseguir a sua sobrevivência, seja na fazenda ou não, porque não havia outro lugar de viver em segurança com suas famílias, uma vez que as aldeias estavam destruídas pela Guerra do Paraguai, foram obrigados e tiveram que aceitar a situação de explorados ou de servidão, porque não havia outro jeito de viver. Quando fugiam do trabalho ou da fazenda correm o risco de serem mortos pelos capangas dos fazendeiros.

A comunidade Terena, em todo momento da sua história sempre esteve nesses momentos de transformações e, com isso, a nossa história é de longa data, pois até nos dias atuais a exploração ainda continua.

### **1.6 - Rondon e os Terena – a demarcação dos territórios.**

Desde o início do século XX o governo brasileiro foi obrigado a resolver os problemas referentes às populações indígenas. Vários desses povos não se deixaram dominar pelos “purútuye” e fizeram com que houvesse extermínio na luta por sua autonomia. Esses confrontos entre índios e fazendeiros eram noticiados pelos jornais de maior circulação e provocaram muitos debates por parte do governo sobre a questão indígena.

Após muitos estudos por parte do governo republicano chegou-se a conclusão que deveria ser criada uma política a favor da questão da delimitação das reservas dos indígenas, mas infelizmente quando foram delimitadas essas reservas já eram menores do que eram habitadas anteriormente. Não correspondiam aos territórios ocupados por estes povos.

Em 1910, Rondon foi indicado para fundar e tomar a frente do SPI por ele estar trabalhando nas Linhas Telegráficas. A partir desse momento Rondon impôs quatro condições ao SPI para que ele pudesse por em prática a sua política entre o povo Terena como afirma Bittencourt e Ladeira (2000, p. 95):

- pacificar o índio arredio e hostil, para permitir o avanço dos purutuye nas zonas pioneiras, isto é, recém abertas para a colonização.

- Demarcar suas terras, criando “reservas indígenas”, lotes de terras sempre inferiores aos territórios anteriormente ocupados pelos índios. A justificativa é que “pacificados” não precisavam mais “correr de um lado para outro”.
- Educar os índios, ensinando a eles técnicas de agricultura, noções de higiene, as primeiras letras e ofícios mecânicos e manuais para que pudessem sair da condição de índio bravo e serem transformados em trabalhadores nacionais.
- Proteger os índios e assisti-los em suas doenças.

Através do trabalho feito por Rondon na instalação de linhas telegráficas, os Terena aproveitavam do momento para reivindicarem a posse de suas terras. Rondon naquele momento serviu de intermediário entre índios, governo e fazendeiros para conseguir, por meio de decretos, reservar aos indígenas suas terras. Em 1905 as aldeias Cachoerinha e Bananal/Ipegue conseguiram a demarcação de suas terras e em 1911 o SPI reconheceu esta delimitação da reserva indígena. Aos poucos, quase todas as outras áreas foram demarcadas, no tempo do SPI comandado por Rondon.

Como bem sabemos, as áreas demarcadas são menores do que era ocupado pelos Terena antes da Guerra do Paraguai, como afirma o entrevistado Estrela:

Enepone poké'exa uti herúmo kíxoa ra oyonókuti, túku koeti yá ákéneke Tóne, omotóu kóekoko nóvoke ra Ipegue ya mbókoti, karosa novo véko uti yóno uti Miranda ítea motóvamaka leve kóiyeya uti vó'oku ako ahíkaka ainovone poké'exa uti ra mêum kúri kôe ako arame haxakoati, kó'oyene kónokone uti vivú'e vooku ainovone haxakéxovoti ra vémeunxa, enepone nzaikene kóyekune novo koyúhoyea anekóyeya hoenaxope ne kúxoti viyéno, úkeaku koane hinókoku ra vémeunxa, ainóvo púitinoe mopôî itúko túku koeti kó'oyene aneko, ítea ra purutuye áko akáha'ainovea namúkopea uti ra vémeunxa ako topi ípo'onexeake túku koeti kó'oyene.

As nossas terras compreendem toda a área ocupada por fazendas até depois do Toné, antes Ipegue e Cachoerinha eram juntas, quando iam para Miranda iam de carroça, mas também podia ir a pé porque não tinha arame delimitando as propriedades da fazenda, hoje precisamos de meios de transporte, pois somos obrigados a seguir a estrada imposta pelos “purutuye”, meu finado pai sempre me contou que existe marcas para saber onde começa e termina as nossas terras, essas marcas são pedras grandes que até hoje existem, mas os “purutuye” não querem que a gente retome as nossas terras e procuram de várias maneiras impedir que isso fosse provado.

Aos poucos o SPI começou a instalar postos para melhor atender os indígenas, e com isso cria-se a figura do “capitão” com o objetivo de representar a comunidade, atualmente é chamado de cacique. Existia também o chefe do posto que passou a cuidar de

toda a documentação necessária dos indígenas para se legalizarem. O chefe era “purutuye” e mais uma vez os Terena passam a ser orientados e tendo contato direto com o chefe e são obrigados a falar o português para se comunicarem com o chefe.

### **1.7- A relação dos Terena com a sociedade nacional**

O povo Terena desde a sua saída do “Exiva” sempre manteve contato com a sociedade nacional, até os dias de hoje.

A comunidade Terena da Aldeia Ipegue permite-nos observar uma peculiaridade especial: esta comunidade apresenta, através dos moradores, uma intensa mobilidade entre aldeia e cidades.

Nesta mobilidade os historiadores afirmam a presença de famílias indígenas instaladas na área urbana e suburbana vivendo como cidadinas. Esses indígenas possuem suas famílias na aldeia de origem, como é o caso da Aldeia Ipegue, trazendo para a aldeia um novo jeito de viver, os costumes da sociedade nacional, em particular, a língua portuguesa.

Durante a instalação das fazendas de gado, nas proximidades da Aldeia Ipegue, os indígenas serviram de mão-de-obra para atender os interesses dos fazendeiros. São aspectos que devem ser considerados pelo intenso contato com a sociedade envolvente tornando-se mais uma agência de mudança da cultura e imposição de novos costumes.

O trabalho feminino na cidade é outro fator que deve ser considerado, já que traz costumes da sociedade regional para a educação dos filhos, principalmente, usando a língua portuguesa que se exige para a sua comunicação diária, e quando retorna a sua aldeia já vem com hábitos e culturas modificados. Como afirma Oliveira (1976 p. 79): “[...] Estas quando migram, o fazem fora do sistema *labour migration*, pois tendem a se instalar por largas temporadas nas residências cidadinas, como domésticas, ou em hotéis e pensões como serviçais”.

## CAPITULO II

### A TRAJETÓRIA DA CULTURA TERENA NA ALDEIA IPEGUE

O capítulo dois descreve as características da Aldeia Ipegue, para isso busquei os registros de Fernando Altenfelder Silva (1946) que faz referência aos Terena por ocasião da Guerra do Paraguai (1864/1870), quando muitos Terena já falavam a língua portuguesa.

O objetivo deste capítulo é apresentar alguns aspectos tradicionais de como era e como é atualmente a vida cotidiana dos Terena da Aldeia Ipegue e que são relevantes para essa dissertação.

Serão analisados as mudanças culturais levando em consideração cada momento histórico na vida dos Terena, discorrendo sobre as suas conseqüências que afetam diretamente os valores tradicionais da população atual.

#### 2.1 – A língua e as intervenções

A língua Terena parece que nunca esteve distante ou isoladas de outras línguas em virtude do povo Terena sempre tiveram relacionamentos com outros povos indígenas desde o “Exiva”, que migraram juntamente com os Kinikinaus, Laiana e aliança estabelecidas com Guaikuru no momento que exigia segurança e sobrevivência do próprio Terena. Utilizaram outra língua indígena na comunicação, mas por outro lado, tinham mais pessoas falantes da língua Terena que garantia a sobrevivência da língua materna.

No território sul mato-grossense o maior impacto lingüístico do povo Terena, foi a depois da Guerra do Paraguai, que dispersou a comunidade e famílias em busca de um local seguro para confrontar com os invasores e conseqüentemente após a luta armada foram buscar trabalho nas fazendas da região sendo obrigados a se comunicar por meio da língua portuguesa.

Durante este movimento migratório do povo Terena foi intensificando o contato com os “purútuye”, falantes da língua portuguesa e as minoritárias vão ficando cada vez mais expostos e sufocada pela língua predominante, correndo o risco de acontecer um deslocamento lingüístico, isto é, a substituição da língua materna pela língua portuguesa como aconteceu na Aldeia Ipegue.

A escola foi um dos pontos da intervenção da língua uma vez que a criação da escola veio acoplada com a obrigatoriedade do ensino na língua portuguesa, uma vez que a visão integracionista imperava neste período, defendendo a integração do índio na sociedade nacional.

Mas por outro lado a língua portuguesa é um bem social de meio de sobrevivência dos Terena para que possa melhor compreender os dizeres dos “purútuye” e a conquista de espaço na sociedade branca, embora seja diferente da à própria educação indígena, voltada aos costumes tradicionais.

A igreja e associação de moradores, são outros pontos de intervenções da língua Terena que forçaram o povo desde o século passado como foi a igreja e recentemente a associação de deixarem de certa forma a utilização da língua materna, onde todas as cerimônias religiosas e reuniões de associação, acontecem sempre na língua portuguesa, continuam como um dos grandes colaboradores do desuso da língua.

Outro fator são as constantes idas e vindas dos Terena as cidades próxima das Aldeias como Aquidauana, este fenômeno vem acontecendo pelo menos há 60 anos, de acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1976 p. 110) em seus registros, quando esteve pesquisando os Terena, inclusive na época já se falava na Aldeia Aldeinha de Anastácio.

Isto significa que este relacionamento social ou os “purútuye” intensificou a intervenção na língua materna, fortalecendo a língua portuguesa, tanto para os adultos Terena e principalmente as crianças que depois retornam a Aldeia com uso constante da língua portuguesa.

### **2.1.1 - A Organização Social**

Os cronistas narram que a família é a célula básica importante, que era formada pelo pai, mãe, filhos, filhas genros e netos em um mesmo “ovokuti” que era local de moradia formando uma grande família extensa ou local onde se reúnem os clãs e cada uma das famílias extensas. Possuía o “Nâti”, chefe ou líder da família, que era responsável no comando da família, geralmente era um ancião.

A distribuição espacial e modelo de construção das casas dos Terena no “Exiva” é bem diferente como é conhecida atualmente. O “ovokúti”, a casa era de forma retangular, construída apoiada em madeira em uma coluna central e as laterais e era coberto de sapê ou folhas de bacuri, apoiadas em caibro e ripas.

A disposição das casas era uma ao lado da outra em frente a praça central, conhecida como “none ovokúti”, ou seja, em frente das casas, com formato circular onde de um lado e de outro formava duas metades “Xumonó” e “Sukirikiano”, cada uma ocupando uma meia lua do formato circular.

Kalervo Oberg (1949), apoiado nos relatos de Castelnau em 1845 quando os Terena já estavam no Brasil, próximo a cidade de Miranda, tem uma descrição mais definida das casas Terena:

Na aldeia havia cerca de 100 a 120 casas, unidas umas as outras. Eram longas cabanas formando um círculo em torno de uma grande praça. Parecem grandes “ranchos” cobertos com imensos tetos de galhos de palmeiras. (CASTELNAU, 1949 – 59, vol. 2, p.391).

Para compreender melhor é preciso observar que a disposição das casas não era feita aleatoriamente, mas obedecia as duas metades endogâmicas “Xumonó” e “Sukrikionó” que, por sua vez, estão divididas em classes sociais de acordo com os registros de: Whittington (1925) um dos primeiros missionários que estiveram entre os Terena da Aldeia Bananal e Ipegue, Altenfelder Silva (19146/1947) e do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1976) e outros, todos relatam através dos registros bibliográficos que o “Yurikoyuvakai” como mito herói civilizador dos Terena.

Roberto Cardoso de Oliveira narra que o herói “Yurikoyuvakai” retirou os Terena do fundo de um buraco e entregou-lhes enxada e outras ferramentas para o homem e o fuso para a mulher Terena suficiente para sobreviver na face da terra.

Segundo o mito, “Yurikoyuvakai” era uma só pessoa. Mas quando ficou moço a sua mãe ficou brava com ele porque não queria acompanhar a sua mãe até a roça. Sua mãe castigou cortando-o pela metade, surgindo dois indivíduos, ou seja, da cintura para cima e o outro da cintura para baixo. Surgiram assim as duas metades Terena “Xumonó” e “Sukrikianó”.

Durante o trabalho de campo verifiquei que os mais antigos reconhecem as duas metades que regulavam os diversos aspectos na cultura Terena, entre eles o casamento endogâmico, em que se casavam na mesma classe social e na sua própria metade ficando proibido de casar com outros da outra metade.

Durante as festas anuais eram mais visíveis as duas metades em especial o “kohíxoti kipâe” - dança do bate - pau como é chamado pelos brancos, onde estão perfilados em duas colunas simbolizando as duas metades que se encontram em um

determinado lugar e todos juntos chegam no local de apresentação, iniciando a dança e a disputa, ganha quem estiver mais tempo dançando e com maior número de participantes.

Cada uma das metades o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira dividiu em três classes sociais a partir dos seus estudos etnográficos realizadas na Aldeia Cachoerinha e Bananal em 1957 quando descreve que o principal consistia em Chefes ou caciques chamados de “Nâti” e sua família; depois vinham os “Vahere Xane” que significa gente ruim ou comum e por último vinham os “kauti” que eram capturados da guerra, considerados os cativos.

É importante destacar que os “kauti” não recebiam maus tratos, como foi com os negros africanos durante o período colonial no Brasil. Os “kauti” eram crianças que integravam a família e eram recebidos como membros da família sem sofrer qualquer tipo de diferença e são tratados como irmãos da criança como mesmo afeto e carinho dos pais não biológicos.

Oberg esteve no “Exiva” durante o seu trabalho de campo e fez diversos registros a respeito dos Terena e publicou sob o título de “The Terena and Caduveo of Southern Mato Grosso, Brasil em 1949, clássico da literatura Terena a sua obra traz relatos sobre a religião, organização social, economia e faz uma análise dos “kauti” que originavam das incursões de guerra dos Terena, Oberg (1949, p. 38) destacou:

Os Terena falam em captura de cavalos, ovelhas e gado e, acima de tudo, de escravo. A prática era dar morte aos homens e mulheres, guardando somente os meninos e meninas. Depois que estas crianças escravas cresciam, elas se tornavam membros da tribo, e era difícil para eles fugirem para o seu próprio povo, a respeito da qual elas, depois, sabiam muito pouco. Escravos eram conseguidos para cultivar o solo, caçar, buscar lenha e água, construir casas, para aumentar a população e para tomar parte da guerra e mesmo ajudar nos cerimoniais.

Na opinião de Boggiani (1975, p. 285) os Mbaya Guaicuru também tratavam os escravos da mesma forma que os Terena tratavam os seus “kauti”, ficando evidente a divergência com Oberg.

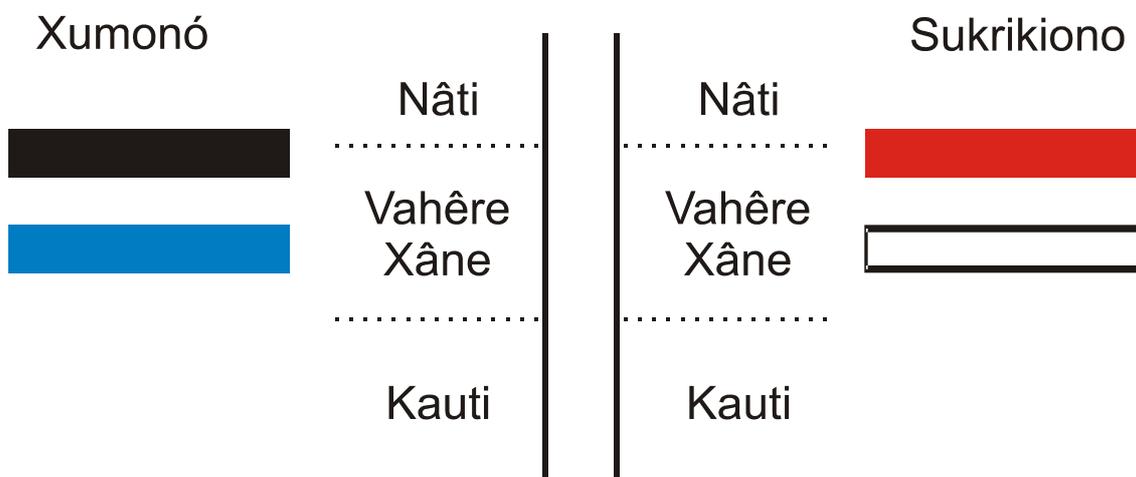
Os senhores estimavam os escravos e os tratavam com doçura. Se capturavam crianças que tinham necessidade de amamentadas, na falta das mães, amamentava-nas as mulheres dos mbayá que os tivessem apresado. Os escravos nunca se vendiam, embora fossem prisioneiros de guerra. Eram considerados membros da casa do senhor, comiam junto com a família dele e tomava parte com ela nas festas e jogos. Tamanho eram o apego e a confiança que os mbayá sabiam obter dos seus súditos que não havia prisioneiro que os quisessem abandonar. Até mesmo mulheres espanholas, capturadas ainda que fossem adultas e mães, preferiram ordinariamente permanecer com os conquistadores.

Percebe-se que Boggiani pesquisou a fundo revelando o tipo de tratamento dado aos “kauti” entre os dois povos que possuíam a cultura de capturar membros do seus inimigos parecem estar ligado ao mesmo modo de tratamento que os Terena recebiam dos Guaicuru, eram considerados membros da sua família.

Os “kauti” eram considerados como integrantes da família até o ponto de gerarem filhos, solidificando ainda mais os laços familiares e as crianças nascidas dessas uniões fundem-se no relacionamento familiar e tribal, tornando-se como membros da família extensa.

Para melhor compreensão da divisão dos extratos sociais dos Terena buscamos construir uma exposição de acordo com Oliveira (1976), para demonstrar as duas metades endogâmicas dos Terena através de gráfico.

#### Metades Endogâmica dos Terena



Fonte: Figura elaborada pela autora, Celma Francelino Fialho e diagramada por encomenda.

- Os Nâti representavam os cacique e seus parentes.
- Os “Vahere Xâne” que significa gente ruim, representavam os homens comuns ou a maioria dos povo da comunidade.
- Os “Kauti” representavam os capturados nas incursões de guerra.
- As duas metades eram compostas de três extratos sociais.

- As pinturas corporais representavam as duas metades endogâmicas, isto é, azul e preto, que representavam os Xumonó e vermelho e branco representavam os Sukirikiono.
- As cores podem variar de aldeia para aldeia, conforme a decisão dos líderes.
- Para cada metade existia um Nâti, ou cacique; o cargo era transmitido de forma hereditária dentro de cada extrato social.
- O casamento endogâmico acontecia dentro de cada metade.

### **2.1.2 - O modelo atual da moradia na Aldeia Ipegue.**

As primeiras moradias na Aldeia Ipegue foram destruídas durante a Guerra do Paraguai em terras mato-grossenses. Após o conflito bélico com a guerra do Paraguai, os Terena ficaram dispersos pelas fazendas, outros retornaram aos antigos aldeamentos.

Na reconstrução de casas dos Terena na Aldeia Ipegue, como se não bastasse a destruição, foram obrigados a constituir uma nova disposição espacial e geográfica da aldeia, resultado da demarcação de terras indígenas feito por Rondon em 1904, configurando de acordo com o modelo de uma cidade, ou seja, feitas em forma de quarteirões com ruas largas formando quadras extensas.

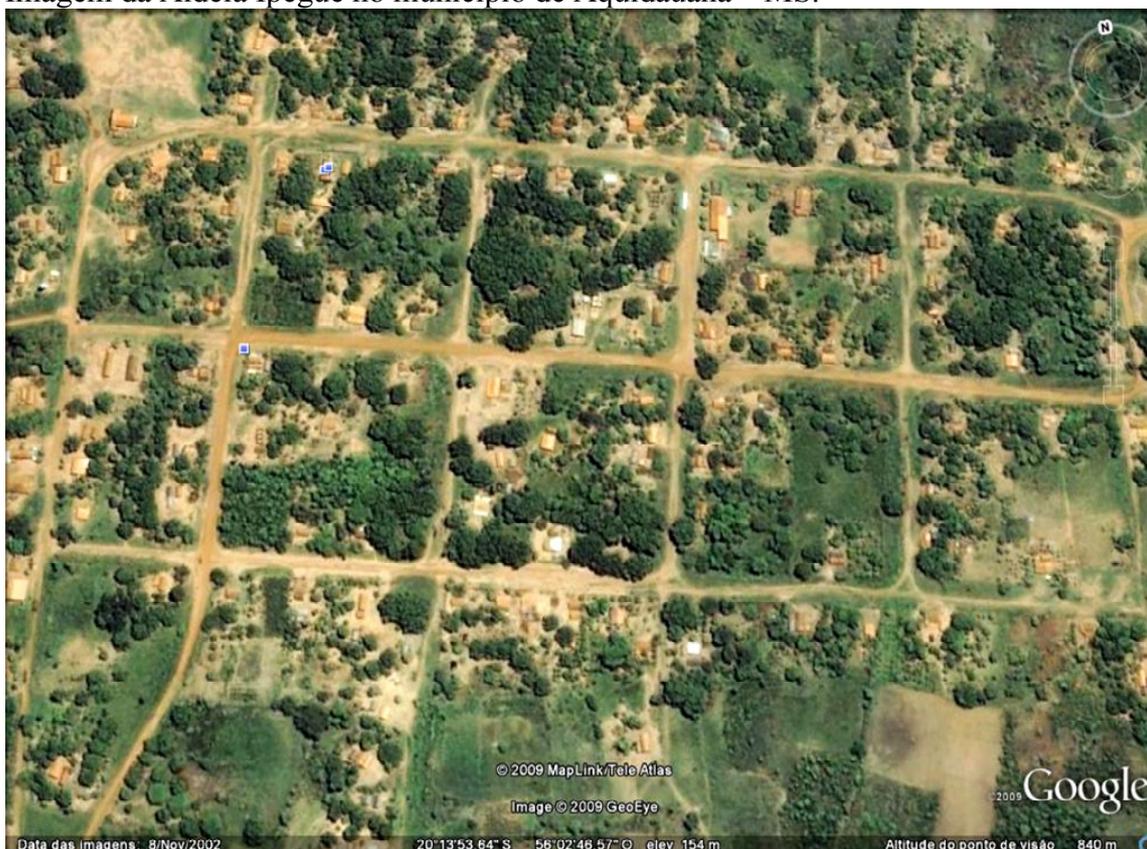
As terras demarcadas, vieram ao encontro dos objetivos do SPI, favoráveis aos propósitos positivistas de integração do índio à sociedade nacional. Foram impostas as novas políticas sociais e econômicas, cujas conseqüências começaram a aparecer. Entre os resultados era regulamentar e arregimentar a mão de obra indígena para o trabalho, para serem utilizados pela sociedade nacional, visando abrasileirar os índios; submissão dos Terena ao poder do chefe e do SPI, interferindo na organização social dos índios, modificando o processo decisório dos índios.

A implantação do SPI dentro da aldeia, como era objetivo de Rondon, passa a ser mais um fardo que pesa sobre os índios. Como se não bastasse a servidão e a exploração praticada pelos fazendeiros da região, o Estado se apresentava como novo cooperador e operador nas perdas culturais, impondo uma nova configuração espacial e geográfica nos modos de viver e de ser Terena.

Atualmente o que prevalece na Aldeia Ipegue é a nova configuração, aquela que foi demarcada por Rondon, nos mesmos moldes aplicados na Aldeia Bananal, de acordo com os relatos de Fernando Altenfelder Silva (1946) que menciona a “disposição espaçada dos

seus edifícios, que obedecem ao alinhamento de ruas largas e retilíneas. Bananal se afasta do tipo comum dos povoados brasileiros”, essa mesma característica de formatação está presente na Aldeia Ipegue, conforme a imagem de satélite acessada no dia 05 de janeiro de 2010.

Imagem da Aldeia Ipegue no município de Aquidauana – MS.



Fonte: Google Earth - Acessado no dia 05 de janeiro de 2010.

Na nova configuração espacial adotada por Rondon na Aldeia Ipegue, os Terena tiveram que adequar-se, pois essa alteração brusca trouxe danos culturais profundos, principalmente nas metades, ou seja, entre os grupos Xumonó e o Sukirikiano. Foram diluídos os moldes espaciais tradicionais, tornando-se a aldeia nada mais do que uma cópia plástica da área urbana transferida para a área indígena, como desejavam os representantes do Estado.

A “poké’e” ou terra é de uso fruto dos Terena onde foi subtraída o direito primitivo de sua organização espacial nos moldes tradicionais, uma vez que a demarcação atual

impôs grandes quarteirões permitindo loteamentos feitos de acordo com a intenção e interesse das pessoas de propriedade particular onde podem ser compradas ou vendidas.

Atualmente a disposição dos “ovokúti” ou casas segue os mesmos modelos urbanos, com lotes e casas um ao lado do outro, onde é raro ver casas nos moldes da construção tradicional conhecida com o uso de cobertura de sapê ou folhas de bacuri, parede de adobe, que era fabricado pelos próprios Terena com argila apropriada, misturada com capim triturado, em seguida colocado na forma tomando um formato retangular e exposto ao sol para secar.

As casas no modelo tradicional deixaram de ser construídas por questões de escassez e da falta de vegetação apropriada. Em decorrência da falta de território, os Terena optaram pelas casas de alvenaria construídas de tijolo, madeira, ferragens, tintas, janelas e portas de ferro com vidros, compradas na cidade de Aquidauana ou no Distrito de Taunay. As casas são servidas de energia elétrica e de água encanada bombeada de um poço artesiano.

Por fim, a partir de 2006 iniciou nas aldeias indígenas do Estado a política social de habitação do governo federal, em parceria com o governo estadual e municipal, visando a qualidade de vida dos povos indígenas.

Logo, a Aldeia Ipegue foi contemplada com a construção de casas populares sendo dez na primeira fase e 45 na segunda, sendo distribuída a população e construída dentro de cada lote de terreno, com banheiro fora da casa, procurando seguir o que foi adotado pelos Terena.

### **2.3 - Os “koixómoneti” e os “engelé” protestantes**

Os “koixomuneti” Terena são possuidores de espíritos sobrenaturais, enquanto que os “engele” é o nome dado pelos Terena às pessoas que se convertiam a religião protestante, fazendo alusão aos ingleses que adentraram na aldeia para pregar.

Através de pesquisa de campo observou-se que os velhos Terena, tradicionais conhecedores do mundo sobrenatural com quem se comunicam através de saberes espirituais, invocavam os espíritos na busca de previsão de acontecimentos futuros com a sociedade Terena, ou ainda, em perigos de guerra, encorajando os guerreiros, dirigindo palavras de confiabilidade onde todos os atos alcançariam o pleno êxito, ou, muitas vezes,

a proibição de executar certa atividade em alguns momentos na vida dos pescadores, caçadores e coletores de frutas silvestres.

Notamos ainda durante a pesquisa de campo a presença significativa de mulheres Terena na Aldeia Ipegue e que, atualmente praticam “koixomoneti”, que atende os índios de diversas aldeias em torno da Aldeia Ipegue.

É interessante salientar que o povo Terena possui o “Koixomoneti” e, para não gerar confusão conforme os escritos e denominação generalizada pela sociedade branca chamando de “Xamã”, “pagé”, “padre”, “purungueiro”, “curandeiro”, “benzedor” ou qualquer outra designação feita na literatura brasileira. O verdadeiro “koixomoneti” tradicional dotado de saberes que trouxeram do Exiva, buscavam os poderes sobrenaturais através da natureza na representação de animais, pássaros, insetos, anfíbios ou plantas.

A iniciação dos noviços ou “Ihákoeti” que significa “preencher” é submetida a um ritual onde ele deve degustar uma pequena serpente, pássaro, formiga, vegetais, esperando sonhar em busca de obtenção de espíritos para dar poder e torna-se o espírito guardião e de prontidão para todos os momentos em que precisar. Muitas vezes, com o passar dos tempos, vão aumentando o poder através de outros animais ou plantas que serão ingeridos no decorrer da sua vida tornando-se mais poderoso e temido pela sociedade Terena.

Havia certa exigência alimentar conforme registros de Fernanda S. Carvalho (2008 p.66) realizado durante trabalho etnográfico na Aldeia Bananal. Carvalho confirma que “faz parte da formação do candidato xamã ficar de resguardo, solitário, jejuando, durante seis meses, período em que se alimentará de abóbora ou moranga, sem sal” fica privado ainda de comer carne e de relações sexuais.

O mestre “koixomoneti” ensina o noviço tanto do sexo feminino quanto masculino a fórmula do canto, a magia, e se porventura conseguir adquirir os poderes através do objeto que recebeu até a festa anual religiosa do “hánaiti kaxé” grande dia, semana santa para os brancos, quando deverá estar apto para receber “itâka” a cabaça mágica e o penacho de plumas de emas considerado instrumento básico para realizar o “ohókoti” canto dos “koixomoneti” durante o ritual de “xamanismo”.

A realização do “ohókoti” significa “koixomoneti” fazendo a prática do “xamanismo” que chama ou invoca os espíritos dos mortos, acompanhado de canto do “koixomoneti” e, ao mesmo tempo, fazendo movimentos circulares segurando com a mão direita o “itâka” que possui alguns cascos de caramujo picotados no interior, provocando ruído para invocar o “koipíhapati” ou espírito dos mortos, para dar força e afastar os

espíritos ruins, com ajuda dos espíritos bons e de proteção. Na mão esquerda o penacho de penas de ema, uma espécie de espanador utilizado para espanar os presentes e principalmente o paciente da cabeça aos pés.

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1976 p. 48):

a feliz coincidência de Castelnau haver passado por uma comunidade Terena, próxima a Miranda, em maio de 1845, exatamente durante os preparativos daquelas festividades, podemos avaliar o alto significado para o grupo de sua “festa nacional” .....fazia um mês que os homens tinham batido a mata a procura de mel com que todas as famílias agora se ocupam em fabricar um licor espirituoso, alma de todas as festas

Durante o trabalho do “koixomoneti” na realização do “ohókoti” era feita em baixo de uma tenda coberta de folha de bacuri o “hituri” como é chamado pelos Terena, onde o “koixomoneti” está de “xiripá” saio de pano com desenhos geométricos colorido de vermelho e preto, colar, corpo pintado de branco e preto onde é servido grande quantidade de mel ao “koixomoneti” e aos presentes, e, onde muitas vezes chegam a amanhecer.

Atualmente o “Koixomoneti” tem a função de fazer o bem às pessoas que procuravam, através das curas de moléstias, de problemas de saúde ou espirituais, quando faz o diagnóstico por meio da ajuda de espírito, que explica a causa da moléstia e os tipos de medicamentos que devem ser usado para curar a enfermidade ou nos problemas espirituais. O “koixomoneti” sugava a parte do corpo do paciente ou “hokeuti” (pessoa enfeitiçada), onde foi afetada, para extrair qualquer tipo de objeto que foi introduzido através de trabalhos rituais durante o “ohókoti” nas pessoas doentes.

O “koixomoneti” proporciona assistência espiritual e simpatias, para amansar animais, na previsão de localização dos peixes nos rios, para realizar boas pescarias, bem como os animais durante a caça e, principalmente a proteção contra o ataque dos inimigos dos Terena. Os “koixomoneti” também acompanhavam os guerreiros em incursões de guerras, sempre perguntando a posição dos inimigos, pedindo forças e proteção ao espírito guardião para obterem sucesso nas guerras.

Por outro lado, assim como pode fazer curas físicas e espirituais proporciona assistências pessoais e na vida coletiva da comunidade. O “koixomoneti” também executa atos de “hokéxea” fazer o mau para as pessoas através da magia negra como é conhecida pelos não indígenas, causando confusão quando uma pessoa morre supostamente vitimada por um “koixomoneti”, torna-se alvo de discussão sendo obrigado a se refugiar em outras aldeias para não ser sacrificado pelos parentes da vítima.

Atualmente os “koixomoneti” na Aldeia Ipegue, possuem nova configuração, que agregaram diversos tipos de imagens de santos, com rezas e benzimentos, que parecem mais uma introdução de ritual católico, adquirido nas fazendas regionais durante a convivência com os patrões, após a Guerra do Paraguai, modificando o cenário tradicional com novas reelaborações que estão presentes na aldeia Ipegue. Como é o caso de alguns “koixomoneti”, torna-se membro de igreja evangélica ou católica alternando a prática do evangelho cristão com rituais de conhecimentos tradicionais, mais uma vez reelaborando o novo modelo de ser “koixomoneti” recheada de um sincretismo religioso, causando confusão com algumas pessoas que não tem muita afinidade com o assunto.

Os missionários evangélicos iniciaram suas atividades em 1912 na Aldeia Bananal, mas sempre buscando atingir a Aldeia Ipegue. Somente em 1925 quando foi criada a extensão de sala de aula, intensifica a presença com pregação e o ensino regular.

A Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, dispõem de relatos de algumas pessoas mais antigas da Comunidade que está inserida no Projeto Político Pedagógico da escola. Reconhecendo que em 1925 as lideranças indígenas da aldeia não aceitaram a construção da escola na aldeia e em consequência disso, foram obrigados a construir na Fazenda Esperança em terras de um fazendeiro vizinho da Aldeia Ipegue.

Percebe-se que a instalação da escola encontrou resistência na Aldeia Ipegue e por meio dos missionários evangélicos em detrimento de ser predominantemente católico, depois de muitos anos construíram uma escola no Distrito de Taunay conhecida até hoje como Escola Lourenço Buckman.

No caso dos padres católicos, foram os primeiros a marcar presença na Aldeia Ipegue, em 1912, com padres redentoristas vindos de Aquidauana para realizarem atividades religiosas. Essas atividades marcaram o início do ritualismo sacerdotal, seguido da entrada do cristianismo vindo da Europa Ocidental, apresentando a palavra de Deus aos Terena, através de pregação bíblica doutrinária, mais uma novidade na Aldeia Ipegue.

O objetivo dos missionários protestantes no território Terena era a alfabetização. Quando fizeram a primeira visita de reconhecimento na Aldeia Bananal, bem como às lideranças indígenas para discutir a implantação de uma escola de alfabetização, até então naquele momento não havia escola para os Terena, criou uma expectativa positiva entre os moradores. Os Terena se prontificaram ajudar para construir a escola e auxiliar na moradia para os missionários protestantes.

Enquanto os missionários aguardavam a permissão de entrada, de estabelecimento de sua residência e a criação de escola, o SPI em contrapartida, corria contra o tempo para providenciar a vinda de um professor branco para tentar impedir a construção de escola dentro da área indígena de sua jurisdição.

Iniciava-se, assim, a nova fase de convivência com pessoas estranhas dentro da Aldeia Bananal, com extensão de ponto de pregação bíblica e de perambulação dos missionários na Aldeia Ipegue.

A Escola da Missão Evangélica na Aldeia Bananal, segundo registro de Altenfelder Silva, atingiu cerca de 120 alunos indígenas em 1936, com dois professores que ministravam aulas um em português e sendo auxiliado por um índio falante da língua Terena devidamente treinado para ajudar os missionários protestantes nas dificuldades encontradas pelos alunos Terena, como relata Silva (1946/1947 p.339).

Os dois grupos religiosos passaram a fazer competição na disputa de espaço entre os moradores indígenas. De um lado, os Protestantes aumentaram a frequência dos cultos religiosos e, do seu lado, os Católicos fizeram a mesma coisa. Diante dessa situação muitas famílias Terena consideradas católicas mudaram para a Aldeia Ipegue, evitando o embate constante entre grupos religiosos.

Além da eficiência do seu trabalho educacional, os missionários protestantes ofereciam atendimento básico de saúde. Para um povo carente, com vontade de aprender a ler e escrever em português, não podiam os missionários ter planejado uma melhor estratégia de penetração na área Terena. Esse processo de mudança foi reforçado ainda mais com a conversão do capitão Marcolino Lili, da Aldeia Bananal à fé protestante e outras pessoas, quando os Terena passaram a chamar de “Engelé” fazendo alusão aos ingleses por ter sido convertido a crença dos ingleses ou ainda como “crente”.

Com o decorrer dos tempos ou quase um século da chegada dos primeiros padres na Aldeia Ipegue a realidade hoje é marcada por diversos adeptos Terena de denominações eclesiais como: Igreja Presbiteriana tradicional, Igreja Filadelfia, Igreja Uniedas, Igreja Católica em consequência a presença dessas igrejas fez com que atingisse grande número de Terena que tornaram-se “Englé” ou “crentes” que tiveram a liberdade de escolha de denominação.

Atualmente todas as Igrejas, independentes de denominação, que estão edificadas dentro das aldeias indígenas, realizam os rituais e pregações na língua portuguesa apesar

dos dirigentes das igrejas serem Terena, mesmo assim, utilizam como meio de comunicação entre os membros a língua portuguesa.

Por outro lado, todas as igrejas têm contribuído “positivamente” no processo da leitura na língua portuguesa, através da leitura de textos bíblicos, cantos e pregações que acontecem dentro das igrejas, em consequência, trás o prejuízo no sufocamento da língua tradicional, ficando completamente em desuso no meio dos jovens que atualmente só falam a língua portuguesa.

Durante a pesquisa de campo, ouvimos relatos de pessoas antigas que afirmam que a contribuição da igreja na Aldeia Ipegue foi positiva, pois puderam aprender a falar e escrever na língua portuguesa para se comunicar com a sociedade envolvente, mas por outro lado tiveram perdas culturais no que toca a questão do uso da língua Terena, ficando somente com as pessoas mais idosas.

Conforme afirma a entrevistada de 60<sup>11</sup> anos.

A igreja antigamente era responsável pela nossa educação, os missionário, os católicos e o pessoal que trabalhava no posto, que é da FUNAI, todos os professores eram brancos, e ensinavam a gente ler e escrever bem em português, mesmo. E hoje a prefeitura que é responsável, nós temos professores indígenas daqui da Aldeia Ipegue, mas não são mais falantes, porque não falam mais, porque fui ensinada em português, e os meus filhos, netos e bisnetos não fala mais Terena, porque eu achava que o português era melhor que o Terena.

Diante da narrativa da entrevistada podemos perceber vários fatores que contribuíram ou influenciaram no desuso da língua Terena na Aldeia Ipegue tais como: igreja, escola, FUNAI e até hoje, a escola continua reproduzindo o uso da língua portuguesa, inclusive professores indígenas que não são falantes, reflexo do trabalho escolar desde a sua implantação.

## **2.4 – Saberes Tradicionais – Economia de subsistência.**

Ao longo de milhares de anos, os Terena aprenderam a conviver com a natureza através dos ensinamentos dos velhos mestres da sabedoria tradicional na utilização racional dos recursos animais e vegetais que a natureza oferecia aos povos indígenas, tanto para a

---

<sup>11</sup> Nesta página a informante é identificada pela idade.

sua alimentação de subsistência, quanto a utilização da medicina natural ou tornando-se objetos possuidores de sacralidade xamânica quando utilizado pelos “Koixomoneti”.

Na minha convivência com as pessoas mais antigas, conheci os mestres da sabedoria que aproveitavam o final do dia para contar e ensinar, com seriedade, toda a ciência indígena encontrada na natureza, ensinando com gestos, muitas vezes imitando os seres vivos e ainda fazendo um longo intervalo entre uma palavra e outra, que parece valorizar a história procurando colocar medo aos ouvintes, principalmente quando o assunto é o respeito aos espíritos das florestas e dos animais. Esse contador de histórias provocava longas paradas ou de tempos em tempos conseguindo um longo silêncio total nos seus ouvintes.

Para Georges Balandier (1997), a tradição requer mestres da sabedoria que a conheçam, que mantenham viva e comuniquem aos que se iniciam. Os velhos e as velhas Terena são pessoas detentoras de vasto conhecimento que estão armazenados na sua memória tornando-se multiplicadores de conhecimentos tradicionais aos jovens. Esta valorização da tradição proporciona e encarrega de determinar certos lugares, acontecimentos e fatos que fizeram a história do povo Terena.

Como a história não foi registrada senão na memória coletiva dos mais velhos, os nomes e lugares são registrados por sua associação a eventos ou acontecimentos na história cultural do povo Terena. Recorremos mais uma vez a Balandier quando afirma, que “os topônimos dão uma identidade aos lugares, mesmo para aqueles que a banalidade quase não diferencia” (1999, p.63).

No caso dos Terena, esses lugares históricos estão bem marcados, demarcados e registrados na memória dos mais velhos, de acordo com a sua relevância social, cultural e econômica para o grupo.

Para exemplificar esses lugares que tem importância econômica para os Terena e que os antepassados registraram em sua memória no caso da Aldeia Ipegue, é chamada de “Varákakoe”, ou seja, lugar das aves “arancuãs”, local onde poderia ser encontrados dentro do território para ser caçado servindo de alimento ao povo Terena.

Outro lugar de importância histórica é o córrego que está na divisa da Aldeia Água Branca com uma propriedade privada. Apresenta um curso extenso, num leito profundo com águas perenes, onde é denominado de “Lamîhi” pelos Terena, que significa “córrego onde a água extravasa o seu leito provocando inundação”, que ocorre no período de cheia. Local de pesca dos antepassados e extração de vegetais para confeccionar arco e flexa.

No lugar chamado de cerrado pelos “purútuye” para os Terena é denominada “Ixukókuti mopó”, que significa lugar onde se extrai o mel silvestre, encontra-se matéria prima colhida pelos homens para a fabricação de licor, uma bebida para todas as festas tradicionais do povo Terena.

São diversos os lugares imemoriais dos povos Terena onde estão organizados no espaço territorial, ainda estão presentes na natureza e receberam vários nomes, de acordo com acontecimentos históricos, símbolos e sinais peculiares. Citamos alguns desses lugares mais conhecidos pelos Terena: “Yovirekoé”, lugar dos lobos guará; “Níkeakuti”, lugar de comida; “Naxedade”, local de pesca dos índios Terena; e vários outros lugares de plantas medicinais, de argila e lugares espirituais. São regiões que eram muito ricas em recursos naturais e espirituais, reconhecidos por todas as pessoas.

Outro saber tradicional dos Terena é a prática da agricultura de subsistência geralmente no mês de agosto procedia-se um pequeno desmatamento suficiente para fazer o plantio do sustento familiar, onde, depois de vegetação seca, queimava-se o mato, depois eram recolhidos os troncos carbonizados que foram cortados pelo “povôti” - machado, quando são convocadas as mulheres e as crianças para fazerem a “koivara” limpeza do “kavané” para execução de plantio.

Após a primeira chuva, depois da “koivara”, dizem os Terena que as primeiras flores anunciavam a época do plantio ou “nopéti” que geralmente no calendário branco coincidia com o mês de setembro. Plantava-se então o “Xupú” mandioca, “koe’ê” batata doce, “Kâme” abóbora, “Môî” moranga, “Karêuke” feijão miúdo, “Pêxou” feijão, “Sopôro” milho, “Tiketî” feijão andu, “Tákurei” cana de açúcar, “Pânana” banana, “Nakáku” arroz, etc...

A economia do povo Terena não estava baseada somente na agricultura ou “Kavane”, roça de subsistência, que exigia o momento certo do plantio de acordo com a estação do ano e a previsão de chuva, que dependia inteiramente da observação e interpretação da posição lunar.

Além de diversos tipos de plantio os Terena entremeavam com a prática da coleta de frutas silvestres, que eram coletados no cerrado, em lugares determinados como: “Vavîra” guavira, “étaruma” tarumã, “Vâma” jatobá, “Momô’o” palmito, “Exáte” bacuri, “Aratíku” araticum, “Imukaya” bocaiúva etc.. no caso do mel: “Ho’ó Xuli Xuli” mel de jati, “Ho’ó oropa” mel de oropa que eram encontrados na região do cerrado, no território Terena.

Os Terena relatam que buscavam caçar os animais durante o período em que os animais não estavam “prenhes” ou grávidas para não prejudicar na reprodução e a consequência poderá levar a extinção das espécies de animais que caçavam como: “Kopiye” tatu preto, “Xulûki” tatu peludo, “Kimoum” porco do mato, “Mayane kâmo” anta, “Agaxi” capivara, “Tîpe” veado, “Vayáho” cervo etc...

A pesca não era feita de qualquer maneira, mas obedecendo ao calendário do período reprodutivo dos peixes, a piracema, com quantidade limitada de pescado de acordo com o tamanho da família, evitando o desperdício de alimento de peixes como: “Lupinone” traíra, “Xáka xáka” jejum, “Arûmo” piranha, “kotoró’óti”, pintado, “Voyókore” bagre, “Hûpa” cara, todos eram abundantes em cada lugar no território Terena.

Os Terena, durante o encontro com os espanhóis e portugueses, aprenderam a domesticar o cavalo e o gado, animais que se tornaram de uso importante na vida dos Terena. O cavalo além de ser animal utilizado na montaria, no transporte de tração animal da carroça, na lida de gado no campo, era usado, mas principalmente no trabalho de “kavane” ou roça de subsistência, puxando o arado “Varereopeti”, servindo de instrumento para carpir, tombar e gradear a terra a ser plantada. Diminuindo o trabalho e emprego de mão de obra na lavoura, atualmente é utilizada no campeio de gado dentro da aldeia.

Com a presença do gado dentro do território Terena, não tiveram dificuldades em manejar os animais bovinos uma vez que já possuíam conhecimento e experiências históricas nas lidas do campo com a utilização do cavalo, tornou-se também um exímio cavaleiro sendo requisitado pelos fazendeiros da região para trabalhar nas fazendas de gado, tornando-se um peão Terena.

Em virtude da falta de terra, atualmente, na Aldeia Ipegue existem poucas famílias Terena que possuem algumas cabeças de gado que servem de alternativa para o sustento das famílias com a produção do leite e de carne, ou algumas vezes são comercializadas com os purútuye do distrito de Taunay para comprar outras necessidades familiares.

A dieta alimentar das pessoas na Aldeia Ipegue aos poucos está fugindo dos padrões alimentares tradicionais produzidos em “kavane”, apesar de serem agricultores, estão encontrando dificuldades com o sistema de plantio devido a intensa insolação e o regime de chuvas anuais desencontradas que constitui um dos fatores que levam o insucesso na produção de certo tipo de plantio da lavoura.

Existe plantio com raras exceções como é o caso do “kareuke” ou feijão miúdo que não precisa de muita chuva, mas de muito calor do sol com possibilidade de alcançar boa produtividade, em consequência terá grande colheita que servirá de alimento ou, por sua vez, será comercializado nas cidades de Aquidauana e Campo Grande.

Devido a falta de produção do “kâvane”, muitas vezes, faltam semente para fazer o plantio ou, muitas vezes, a semente é distribuída fora do período de plantio trazendo consequências na falta de produtividade, levando as famílias comprar alimentos industrializados nos supermercados da cidade de Aquidauana. Fato que fica visível durante o período de recebimento de salários de pessoas aposentadas.

## **2.5 - Festas Cerimoniais Terena**

São várias celebrações consideradas como festas na cultura Terena desde o nascimento de uma criança, acontecimento de grande importância que era cercado de rituais mágicos. Após o nascimento da criança o “ûro” ou cordão umbilical era cortado pelo pai da criança e também responsável de coletar palmitos de bocaiúva para alimentar a parturiente que acreditava auxiliar na amamentação do filho. O nome seria dado à criança pelos avós, referentes a algum antepassado e a criança era amamentada até a idade de cinco anos.

Outro acontecimento que merece registro com referência aos rituais de iniciação das meninas Terena, o marco referencial para atingir a maioridade é a primeira menstruação que passava por uma cerimônia chamada de “yóti” noite, que consistia em desnudar a jovem e pintar o corpo sentado em um tapete no chão. Enquanto permanece sentada no chão, as mulheres entregavam presentes e atiravam sementes sobre a cabeça da jovem, como forma de homenagear.

Outro tipo de festa e ritual no caso dos meninos Terena, aos quatorze anos de idade marco de passagem para a fase adulta, são submetidos a superar provas de resistência e de dor durante a cerimônia, utilizando um pedaço de osso de animal silvestre o “koixomoneti” vai desferindo alguns golpes de osso pelo corpo causando ferimento em diversas partes do corpo do jovem por meio de instrumentos pontiagudos.

A utilização do osso como instrumento para ferir o corpo dos meninos era preparado e aplicado pelo “koixomoneti”, membro da família que detinha poderes

sobrenaturais para invocar os espíritos pedindo proteção, energia, força e saúde durante o martírio do derramamento do sangue.

Outra manifestação ritual dos Terena é o “kohíxoti kipaê” também conhecido pelos “purútuye” de “dança do bate pau”, celebração de resistência, memória e a comemoração de vitória expressadas durante a dança.

Hoje, o “kohixoti kipaê” é praticado somente por homens sem a participação de mulheres na Aldeia Ipegue. Em alguns casos acontece a participação de mulheres nesta dança como é o caso da Aldeia Limão Verde no município de Aquidauana – MS.

As mulheres possuem a sua própria dança, chamada de “Siputerena”, que consiste na formação de duas colunas paralelas, lembrando as duas metades, “xumonó” e “sukirikionó”.



Fonte: Imagem fotografada por Celma Francelino Fialho em Abril de 2010 – Aquidauana – MS. Ao centro o dançarino do “kohíxoti kipaê” e as duas moças dançarinas do “siputerena”.

Na dança do kohíxoti kipaê dançarinos usam trajes de penas de ema em forma de saíotes, alguns com cocares feitos de pena de ema, se pintam de azul e preto e de vermelho e branco que indicam a característica das duas metades endogâmicas.

A dança exige treinamento intensivo com todos os seus integrantes para a dança e os ensaios que acontecem todas as noites que antecedem a semana do índio acompanhando a confecção de vestimenta que será utilizada no dia 19, de abril data histórica escolhida para fazer apresentações culturais muito importante para os moradores da Aldeia Ipegue.

Neste dia, cada membro do grupo de dançarinos levanta cedo e por volta das 4 horas da manhã se reúnem na casa do líder da dança do “kohixoti kipâe” para serem pintados, alimentar-se com uma comida forte de preferência o “arroz carreteiro” no dia da dança.

Atualmente os dois grupos representados pelos “xumonó” e “sukirikionó” se reúnem em lugares diferentes evitando o contato antecipado, somente na hora da apresentação em que se encontram e juntam-se formando duas colunas paralelas na entrada do local de apresentação expressando as duas metades endogâmicas.

Empunhando bastões de bambu rachados na ponta que são percutidos um contra o outro, provocando um som característico, por isso, que os “purútuye” chamam de bate pau.

Outro instrumento que os dançarinos carregam nas costas é o “bodoque” que é feito de madeira em formato de um pequeno arco e possui um orifício por onde a flecha é introduzida, também provocando ruído quando os dançarinos simulam, dando uma fechada para cima, simbolizando a caça da ema.

A batida forte do tambor e com passos largos e cadenciados inicia a apresentação dos dançarinos em volta da praça com os tocadores de “pepêke” tambor e da “flauta” que são os primeiros da fila e logo procuram um lugar para se posicionar preparando-se para iniciar a apresentação da dança sob olhares firmes das pessoas que assistem.

Após o grito do cacique que está posicionado na primeira fila iniciam a dança sob passos lentos com pés levantados e o corpo dobrado para frente com a cabeça baixa simbolizando que está saindo atrás, à procura do inimigo, faz uma volta acompanhada da batida lenta do “pepêke”, logo em seguida, retorna para frente dos tocadores por algum momento ficam parados para descansarem.

Dentre as oito partes da dança fica a critério do cacique a duração da dança na apresentação, para depois retornarem ao local onde os tocadores estão parados para finalizarem a dança, em voz alta o cacique comanda o grupo para descansarem para a outra etapa da apresentação.

A penúltima parte da dança é o momento mais importante para os “kohixoti kipaê”, quando o cacique fica em pé em cima de uma esteira de bastões de bambu de todos os

dançarinos que suspendem o “nâti” até a altura da cabeça para dar o grito de vitória “hónoyooo” que significa “estamos alegres pela vitória”.

Esse grito é feito quatro vezes pelo cacique quando fica de frente para os pontos cardeais iniciando na direção norte no sentido anti-horário de onde vem o calor, volta-se para o poente conhecido como o por do sol, depois para a direção sul que indica de onde vem o frio e finalmente para o lado leste ou nascente onde o dia começa para os Terena.

Cada grupo levanta um cacique alternadas um de cada vez que representa as duas metades endogâmicas, onde o grupo “Xumonó” levanta o cacique “Sukirikiano” e o grupo “Sukirikiano” levanta o cacique “xumonó”, neste momento os tocadores param de tocar para que o público possa escutar o grito de guerra dos caciques que estão suspenso.

Será declarado vencedor o grupo que resistir maior tempo de permanência do cacique na posição em pé na esteira levantada.

A dança do “kohixoti kipaê”, no dia 19 de abril, geralmente começa as 10 horas da manhã e termina por volta das 11 horas durante a celebração do Dia do Índio pelos Terena, na presença de autoridades municipais de Aquidauana.

### **CAPITULO III**

## **A ESCOLA E A LINGUA TERENA: PROCESSOS DE NEGAÇÃO E AFIRMAÇÃO**

No terceiro capítulo busquei o histórico escolar na Aldeia Ipegue, e a língua Terena. Para isso recorreremos em primeiro lugar a Constituição Federal promulgada em 1988, no seu artigo 210, que assegura ao índio o direito à educação na língua materna e os processos próprios de aprendizagem.

Com o direito assegurado surge o momento do professor indígena ministrar aulas em sua língua materna e com os processos próprios de aprendizagem, trazendo assim o novo formato na alfabetização na língua materna, valorizando a identidade cultural e preservando a cultura indígena.

No Projeto “Raízes do Saber”, elaborado e implantado em 1999, com vistas a atender a exigência da lei, foram capacitados diversos professores efetivos da Rede Municipal de Educação por meio da professora Nancy Evelyn Buttler, lingüista instrutora e responsável pelo projeto, com peculiaridade para a Aldeia Ipegue, para qual foi proposta a revitalização da língua materna em virtude do desuso da mesma.

Enfocamos também os desafios e as dificuldades que a língua Terena sofreu em continuar como a língua principal de comunicação entre os moradores da Aldeia Ipegue.

Na Aldeia Ipegue estão presentes diversas instituições públicas como a FUNASA - Fundação Nacional de Saúde, que atende a saúde dos povos indígenas de diversas aldeias, o escritório administrativo da FUNAI que atende a população Terena da Aldeia Ipegue e Colônia Nova nas necessidades burocráticas com prestação de serviços executada pelo chefe de Posto, coordenado por um Terena. A prestação de serviço tem como forma: Registro Indígena, Identidade Indígena, Casamento Indígena e outros serviços que a FUNAI determinar.

Na Aldeia Ipegue, estão presentes os órgãos públicos governamentais e não governamentais como as Associações Indígenas, Igrejas Protestantes e Católica, Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio que oferece o ensino da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, funciona no período matutino e vespertino com o quadro docente em regime estatutário e contratados.

Os professores Terena foram selecionados pelo concurso público específico e diferenciado com avaliações nos conhecimentos e valores tradicionais Terena, incluindo a escrita e tradução na língua Terena para ministrarem aulas para os alunos da Educação Infantil até o 5º ano do ensino fundamental.

Parece paradoxal falar na escrita e tradução da língua Terena em concurso público realizado pela Prefeitura Municipal de Aquidauana, em 2008, destinado aos professores Terena da Aldeia Ipegue, mas a surpresa ainda é maior diante do resultado e classificação dos aprovados no concurso público e diferenciado em relação as pessoas falantes da língua Terena.

É interessante observar que a maioria dos professores Terena aprovados em concurso público realizado pela Prefeitura Municipal de Aquidauana, não são falantes da língua Terena, mas obtiveram uma boa classificação final, sendo os primeiros da lista, enquanto que os professores falantes da língua Terena não tiveram bons resultados na classificação.

A nossa reflexão leva crer que os responsáveis pela correção da prova do concurso público desconheciam a língua Terena no original, ou seja, sem mistura da língua portuguesa ou aportuguesada, enquanto que os professores falantes da língua Terena, com certeza, escreveram de maneira correta no original, evitando o uso ou a mistura da língua Terena com a língua portuguesa, o resultado do concurso não poderia ser diferente.

Neste contexto, o responsável pela correção não levou em consideração a originalidade da língua, mas valorizou a escrita e a tradução entremeada ou recheada com língua portuguesa, sendo prejudicial para a própria comunidade escolar que também não atende a alternativa proposta na revitalização da língua, uma vez que continuará reforçando a língua portuguesa e silenciando cada vez mais a língua Terena.

Ainda neste contexto do concurso publico e diferenciado existe professora “purutuye” casada com um Terena moradora da Aldeia, ministra aula na língua portuguesa para os alunos da Escola, como também aqueles professores Terena não falantes da língua que passaram no concurso publico diferenciado.

Outro fator importante que merece destaque são os professores não indígenas residentes na cidade de Aquidauana que diariamente viajam para Aldeia Ipegue para ministrar aulas em áreas de conhecimentos específicos, onde existe a carência de professores indígenas formados em cada área de conhecimento.

É importante observar que os professores não indígenas lotados em sua grande maioria na Escola Indígena para ministrar aulas para os alunos Terena do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, usam a língua portuguesa como meio de comunicação entre os alunos.

Diante dessa situação, a presença dos professores “purútuye” reforça a cada dia o uso da língua portuguesa no meio da comunidade escolar, com isso as crianças são forçadas a utilizar a língua portuguesa, marginalizando a língua indígena no contexto envolvente.

Os professores Terena, infelizmente utilizam também a língua portuguesa para se comunicarem com seus alunos, funcionários e moradores da Aldeia Ipegue, reforçando a cada dia o desuso da língua Terena.

Outro destaque na Escola são as crianças, alfabetizadas na língua portuguesa, só falam a língua Terena na aula de língua Terena, devido a grade curricular que foi implantada quando o Projeto Raízes do Saber foi colocado em prática para revitalização da língua Terena na Aldeia Ipegue, diferente de outras aldeias em que a alfabetização é na língua materna.

Ao entrevistar o coordenador da escola<sup>12</sup> notou-se a preocupação em relação à questão da língua:

Na minha opinião a língua é uma identidade da comunidade, e a escola está trabalhando essa questão na conscientização sobre a importância da língua na construção da identidade na vida de cada pessoa. Os cursistas do Magistério Indígena Povos do Pantanal que estão em formação já se conscientizaram sobre a importância da língua materna e acreditam que esse quadro poderá ser revertido através de um trabalho em conjunto entre a comunidade, a escola, igreja, associação de moradores conseguiremos reverter a situação.

Durante a pesquisa de campo observamos que os moradores, bem como na escola, igreja, associação de moradores, não estão preocupados, e nem tão pouco reagem contra o desaparecimento lento e gradual da língua Terena na Aldeia Ipegue, conforme afirma uma das entrevistadas, aluna de ensino médio, 15 anos:

Meus pais são Terena, mas.....minha mãe só fala algumas coisas, meu pai é falante, na nossa aldeia.....Ipegue não tem, quer dizer, todos não trabalham a Língua Terena, só as pessoas mais velhas, minha vó fala com meu pai, mais não fala mais comigo, como a igreja e

---

<sup>12</sup> Neste capítulo os informantes serão identificados ou pela função que exercem na escola, no caso o coordenador, ou pela idade, no caso de alunos e moradores.

outros, somente a Escola, mas é pouco quase a gente não aprende e deveria ter mais aula de Língua Terena.

Percebe-se na fala da jovem Terena que em sua grande maioria as pessoas moradores da Aldeia Ipegue não falam a língua Terena, somente as mais velhas, mas espera e cobra que a escola cumpra o papel na revitalização da língua Terena.

### **3.2 - Histórico da Educação Escolar Indígena na Aldeia Ipegue.**

O percurso histórico da educação escolar indígena para os Terena no Distrito de Taunay, iniciou em 1912, quando os missionários protestantes receberam autorização do SPI para ali morarem com os Terena, iniciando o período de evangelização e da educação entre os moradores Terena.

A Prefeitura Municipal de Aquidauana contratou os professores indígenas a partir de (1965) para ministrarem aulas na Aldeia Ipegue. A instalação e construção do prédio da escola oficialmente reconhecida e implantada pela Prefeitura Municipal de Aquidauana em 1976, de acordo com os registros do Projeto Político Pedagógico (1998) da escola, quando foram autorizadas pelas lideranças indígenas da Aldeia Ipegue.

As aulas foram e continuam sendo ministradas na língua portuguesa e os conteúdos programáticos ministrados aos alunos seguiam o modelo das escolas tradicionais do mundo do branco inclusive a prática pedagógica de forma semelhante das escolas urbanas.

As aulas eram ministradas por professores indígenas, tais como: Maria Lourdes Correa, Nelson Francisco (Mbéki), Ester Aurélio Marcos e João Evangelista Marcos (Tûme), professores pioneiros na educação escolar indígena na Aldeia Ipegue quando a Prefeitura tornou-se o órgão mantenedor da escola a partir de 1996, por meio da lei nº 1603 de 10 de setembro de 1976.

Com as transformações que ocorrem no mundo do branco, a Aldeia Ipegue percebeu a necessidade de se articular no seu jeito de ser Terena com outros povos para que pudesse sobreviver enquanto nação, mas as conseqüências também ficaram expostas sofrendo a desaceleração das práticas rituais, nas danças, costumes e a língua do grupo que caracterizam a identidade de um povo e a vida da comunidade.

Algumas aldeias do município de Aquidauana estão a cada dia que passa perdendo o uso da língua Terena como fator de comunicação entre os moradores, em particular a

comunidade indígena Terena da Aldeia Ipegue. Na dificuldade de usar a língua Terena, essa comunidade passa a optar pelo uso da língua portuguesa na comunicação diária, ficando assim, o idioma indígena em segundo plano. Hoje, apenas os mais idosos usam a língua Terena e usam para a comunicação entre eles, quando falam com os mais jovens usam a língua portuguesa.

Esta situação causa preocupação aos professores da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue, levando a um profundo sentimento e reflexão e, por isso, a razão de estudar porque este fato acontece nesta comunidade. Como afirma o entrevistado de 43<sup>13</sup> anos quando desabafa sobre a questão:

A comunidade, os jovens, querem seguir a moda que aparece na mídia, eles acham o máximo e para eles é bom falar português do que o idioma, só as pessoas mais idosas que ainda fala o Terena, mas a culpa é deles de não ensinar os netos a falar o Terena, hoje eu tenho duas netas e ensino, eu não falo, a minha mulher fala e procuro e a minha mulher também falar com as minhas netas.

Percebe-se pela fala do entrevistado que a ação midiática tem influenciado na vida dos jovens, que valorizam mais a língua portuguesa que a própria língua materna, mas por outro lado, parece se preocupar passando a idéia de que está ensinando a criança, quando na verdade ele não é falante da língua Terena, encontrando dificuldade para ensinar por isso recorre a mulher.

Nessa ausência de comunicação na língua materna entre os moradores, em 1999 foi implantado o Projeto Raiz do Saber baseado na nova Constituição Federal de 1988, no seu artigo 231, onde reconhece aos índios a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, para que os alunos pudessem revitalizar a língua materna.

A ausência de mecanismos no combate a invasão da língua portuguesa e o desaparecimento lento e gradual da língua materna não é por falta de amparo legal para que seja colocada em prática. A lei nº. 6001 de 19 de dezembro de 1973 que dispõe sobre o Estatuto do Índio no que se refere à Educação no Título V. artigo 49, diz: “A alfabetização dos índios far-se á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira”. O que faltou então foi ação do poder público quanto à execução e

---

<sup>13</sup> Neste capítulo o informante será identificado ou pela função que exerce na escola, ou pela idade no caso de alunos e moradores.

cumprimento de leis que asseguram o direito do aluno ser alfabetizado por meio da língua materna.

Diante dessas leis e os projetos aplicados nas comunidades indígenas começa um processo de valorização da cultura Terena, principalmente a língua como identidade. Fleuri (2003) afirma a necessidade de colocar a proposta da educação intercultural, considerando a especificidade da formação das identidades culturais de cada povo e dos processos de integração interétnica em cada realidade regional, como é o caso da Aldeia Ipegue.

A escola indígena é um tema complexo. A discussão, dessa questão é relevante, pois os professores e os gestores deveriam fazer esses questionamentos quando a instituição apresenta no seu modelo de currículo. Poderíamos inverter essas questões: quem são estes jovens indígenas que vem para a escola? Que experiências trazem para escola? Que língua falam? Qual é o seu contexto na aldeia?

Essas perguntas são importantes na construção da educação escolar indígena que busca inserir o contexto do aluno no currículo específico e que garanta a valorização da sua identidade. Como falar que a escola indígena já existe em algumas instituições se não há diferença no seu currículo?

Parece que existe manipulação no currículo pelos responsáveis da Educação Escolar Indígena que já vem pronto da Secretaria Municipal de Educação para as aldeias, pois, na sua elaboração os professores indígenas não são consultados e nem tão pouco convidados para participar.

Sonhar com uma escola que seja realmente diferenciada é um desafio, mas o caminho é a desconstrução da instituição homogeneizante, isto é, sem reflexão com relação ao sujeito dentro de suas especificidades. Aceitar esse desafio é ter certeza de que vivemos em uma sociedade marcada pela diferença onde deve olhar o diferente (Terena) como ser humano que deve ser valorizado e respeitado na sua alteridade, pois somos diferentes, mas isto não quer dizer que somos menores.

Com relação à formação profissional do professor Terena é preciso a contextualização dos conteúdos que buscam estabelecer relações entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar, entre o escolar e o extra-escolar, justificando-se a desarticulação existente entre o conhecimento escolar e a vida dos alunos.

Brandão afirma que:

Tais implicações desafiam os educadores a desenvolverem posturas e instrumentos metodológicos que possibilitem o aprimoramento do seu olhar sobre o aluno, como “outro”, de tal forma que, conhecendo as dimensões culturais em que tal é diferente, possam resgatar a diferença como tal e não como deficiência. Implica buscar uma compreensão totalizadora desse outro, conhecendo “não apenas o mundo cultural do aluno mas a vida do adolescente e do adulto em seu mundo de cultura, examinando as suas experiências cotidianas de participação na vida, na cultura e no trabalho” (BRANDÃO, 1986, p. 139 *apud* DAYRELL, 2006, p. 145).

Essas implicações fazem com que haja muita discussão com relação aos educadores indígenas que são obrigados a ensinar os conteúdos impostos pela instituição. Nesse sentido, o professor não terá reflexão com a realidade indígena do aluno, fará mecanicamente a reprodução de um modelo de educação.

Tanto os alunos como os professores precisarão decodificar os conteúdos impostos pela instituição pública responsável pela Educação Escolar Indígena, pois não há relação com o mundo Terena muito menos com a sua vida cotidiana.

O educador indígena precisa ser formado dentro de uma educação intercultural, para conhecer o “outro” que traz os seus conhecimentos já produzidos dentro das escolas indígenas, assim o professor indígena poderá trabalhar os conteúdos propostos recontextualizando os conteúdos com base no contexto indígena do aluno.

### **3.3 - A influência da Escola no desuso da língua Terena**

Em primeiro lugar é preciso entender o período de implantação de escolas nas aldeias indígenas do Distrito de Taunay e quem foram os pioneiros no trabalho de educação escolar indígena.

É importante contextualizar que a década de 1910 foi um período histórico marcante na vida dos Terena, com a criação do SPI, órgão indigenista do governo federal que foi responsável para nortear a educação indígena na Aldeia Bananal e Aldeia Ipegue.

O Serviço de Proteção aos Índios, instalou, na época, uma extensão administrativa dentro da Aldeia Bananal e Ipegue que chamou de posto indígena, que foi administrado por um “purútuye” para cuidar dos índios, inclusive garantir a oferta do ensino secular as

crianças moradoras da aldeia Ipegue, onde a execução da aula na aldeia era ministrada na língua portuguesa.

A política do SPI adotada pelo órgão oficial do governo brasileiro idealizado por Rondon para as escolas indígenas, tinha os seguintes princípios básicos: integrar o índio a sociedade nacional, “civilizar” o índio, onde era considerado como um estrato social inferior quando visto nos moldes da cultura ocidental.

Então, o Estado brasileiro por meio do SPI, jamais se preocupou em colocar em prática uma política de educação específica e diferenciada para os índios que não fosse voltada para a integração. Assim, a Escola Evangélica dos missionários protestantes concorre nesta mesma linha positivista de Rondon, adotando a mesma prática, uma vez que as crianças tinham aula lecionadas na língua portuguesa, não importando com a língua materna.

Os missionários criaram uma sala de aula na Aldeia Ipegue, com as mesmas pessoas que fundaram a Escola Evangélica na Aldeia Bananal. Criaram uma extensão de sala de aula com a mesma política e estratégia adotada no ensino por meio de professores não indígenas, falantes da língua portuguesa. Neste período, começava o sufocamento da língua Terena e a valorização da língua portuguesa, em especial no uso cotidiano, na vida dos alunos.

Como reflexo do resultado da formação dos alunos quando crianças através da Escola Evangélica passaram a ser reproduzidas por meio dos professores indígenas, depois do fechamento da Escola dos missionários passaram a ensinar as crianças da Aldeia Ipegue na língua portuguesa, fazendo “continuismo” do aprendizado anterior, adotando livros escritos na língua portuguesa para serem utilizados em sala de aula, que não pensaram na valorização da língua materna.

Nesta trajetória da educação escolar indígena, as crianças indígenas da Aldeia Ipegue, por meio dos missionários e depois pelos próprios índios, continuaram como agente multiplicador da língua matriz a partir da chegada da escola que sempre foi a língua portuguesa, desde os primórdios da escolarização para os Terena, reproduzindo a idéia de aprender a língua portuguesa para entender a cabeça do branco.

Verificamos que no processo histórico da escola na Aldeia Ipegue, sempre foi utilizado prioritariamente a língua portuguesa para comunicação e na alfabetização das crianças Terena. Parece que não foi desenvolvida a idéia de que a língua reflete

diretamente nas atitudes das práticas culturais e nem tão pouco a preocupação com as pessoas que falam a língua materna.

Diante do exposto, podemos afirmar que a escola sempre colaborou na prática, ao longo de vários anos, desde a primeira sala criada na Aldeia Ipegue, com desuso da língua Terena, valorizando a língua portuguesa, baseado nos princípios positivistas, de descobrir os valores do branco. As conseqüências puderam ser observadas durante o trabalho de campo em que a maioria não é falante da língua Terena.

A Escola pode ajudar no processo de desaparecimento de uma língua indígena. Ela também pode, por outro lado, ser mais um elemento incentivador que favoreça a sua manutenção, em alguns casos, e na revitalização da língua Terena em outros.

A história da educação escolar indígena revela que, de um modo geral, a escola sempre teve por objetivo integrar as populações indígenas à sociedade envolvente e teve como objetivo principal a preparação para que os alunos indígenas pudessem falar, ler e escrever na língua portuguesa.

Fleuri (2003), alerta para a necessidade de estarmos preparados em atender as mais variadas culturas existentes no Brasil, e as comunidades tradicionais estão incluídas, em particular as comunidades indígenas, pois estas possuem uma cultura definida e que devem ser valorizadas, para que não possam esquecer a sua identidade em meio a deslocamentos e cruzamentos de identidades, mas sim preservar e fortalecer a sua identidade cultural diante do mundo atual.

Diante de vários acontecimentos no mundo de hoje, principalmente o uso de meios tecnológicos que alcançaram muito rápido as populações indígenas, em particular a Aldeia Ipegue, onde os alunos seguem a “moda” imposta pela ação midiática, como se não bastasse o uso da língua portuguesa, não havendo mais distância, aproximando pessoas, influenciando os jovens em adaptar-se a nova realidade do mundo do branco, entrando dentro das casas em qualquer hora, fortalecendo a língua oficial e matando a língua materna.

É muito importante o uso da língua materna para transmissão de conhecimentos tradicionais que existem no meio da comunidade indígena, como os conhecimentos agrícolas, religiosos entre outros, que são transmitidos de geração em geração dentro dos valores culturais de uma comunidade, onde a comunicação se fazia através da língua materna. Esses saberes locais, antes da criação da escola, eram repassados, sendo melhorados, reelaborados, geração após geração.

Com certeza, esse tipo de conhecimento não precisa da escola, de outro modo a comunidade indígena não precisa da escola para conservar, construir e transmitir esse tipo de conhecimento, mas, isso faz com que esse conhecimento não seja verdadeiro se a escola não avaliar.

O não uso da língua materna compromete a transmissão e reprodução desses conhecimentos tradicionais levando ao desaparecimento cultural e lingüístico na Aldeia Ipegue. Fala-se ainda que no meio indigenista, a Escola é instrumento que os índios tomam para se livrar do jugo branco, como forma de luta, como meio de empoderar e apoderar-se de conhecimentos e técnicas que os brancos manipulam contra eles, como forma de autonomia.

O ponto que é discutido nessa questão é o resultado da prática de transformar a cultura indígena em conteúdo de programa ou currículo escolar, e esses conhecimentos não precisam necessariamente serem ensinados dentro de uma sala de aula, mas deve ser indígena saindo do espaço de um prédio, pois esses conhecimentos são adquiridos através de observação, imitação, orientação, como se aprende a falar, e muitos aspectos são transmitidos silenciosamente por muitas gerações.

O que está em jogo também, é a questão da autonomia possível e impossível das escolas indígenas, porque o poder público responsável não admite que as escolas indígenas discutam as questões curriculares e nem tão pouco a implantação de uma verdadeira pedagogia diferenciada como prevê a legislação.

Será que as escolas nas áreas indígenas estão realmente preparadas para um bom ensino em todas as áreas, para formar leitores, em português e Terena e pessoas que estão prontas em defender e valorizar a identidade indígena? Fica a nossa pergunta.

Existem diferenciações nas escolas indígenas devido as suas realidades próprias e em função de culturas distintas, de diferentes histórias e, mesmo, da diferenciação no processo de ocupação e desenvolvimento das várias regiões do país (e mesmo de regiões diferenciadas dentro de um mesmo estado), tudo isso faz com que uma escola indígena localizada a uma distância de 5 km, ou até mesmo um quilômetro de distância como é o caso da Escola Municipal Indígena na Aldeia Lagoinha, seja distinta um do outro, onde depende muito da realidade de cada comunidade.

As escolas indígenas estão em ritmo compassado com as necessidades das Aldeias Indígenas? O conteúdo das disciplinas não deve conflitar com as formas próprias e particulares de educação secular, ou seja, não se deve tomar espaços que pertencem à

própria cultura Terena, “escolarizando” conteúdos que não dizem respeito à escola. Os professores muitas vezes, “confundem”, na prática, querendo fazer uma escola indígena que seja igual a uma educação não indígena.

O exemplo disso é a escola que está em uma Aldeia indígena que possui somente o nome de Escola Indígena, como é o caso da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue, que continua com a mesma prática pedagógica dos modelos ocidentais com o corpo docente formado por professores não indígenas, grade curricular que não é discutida com a comunidade, a merenda escolar com alimentos fora dos padrões alimentares indígenas, a administração permanece no mesmo modelo de Escola de branco de uma cidade.

O calendário escolar, por exemplo, deveria estar dentro dos padrões culturais, por exemplo: os Terenas não comemoram o carnaval quando a aula deveria estar previsto no calendário escolar, porém está dentro dos padrões do costume dos “purútuye”.

O desafio é grande para criar um currículo diferenciado na escola indígena que vem sendo assumido por várias pessoas não indígenas, mas isso, não quer dizer que já se constrói uma escola indígena, na maioria dos casos são tentativas de implementação da escola para o contexto indígena.

A questão indígena, é refém, infelizmente, de um mercado de serviços, onde certas pessoas ficam obrigadas a negociar emprego, frequentemente são levadas a escolher entre manutenção e a tomada de posições que rompem com interesse comunitário, burocracias indigenista, encasteladas nas diversas instâncias das instituições.

### **3.4 - A Escola como espaço social**

A escola, como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio da criança, ordenado em dupla dimensão onde aprende a língua portuguesa e novos costumes com pessoas não índias que vem da cidade, por meio da convivência durante o ano letivo.

Institucionalmente a escola ocidental, por ser um conjunto de normas e regras, busca delimitar a ação dos seus sujeitos proibindo, punindo, atitudes das crianças que são diferentes na visão dos “purútuye”, pois a Escola é para os índios e a Escola não é dos índios.

Um processo de apropriação constante dos espaços da Escola pode ser traduzido no espaço de encontros, local de transmissão de práticas e dos saberes entre as crianças Terena que, aos poucos, vão aperfeiçoando durante a intensa frequência e relacionamento das crianças, permitindo continuar com diversos elementos culturais à medida que é colocada em prática no espaço coletivo da Escola.

O exemplo disso são as crianças que estão no fundo do pátio da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue, local de encontro coletivo lugar agradável em baixo de uma árvore frondosa ideal para tomar o tereré, que é uma bebida do homem pantaneiro, que está presente e incorporado na cultura Terena por meio da Escola que permite essa prática entre as crianças, conforme a imagem abaixo.



Fonte: Imagem fotografada por Celma Francelino Fialho em Abril de 2010 na Aldeia Ipegue – Aquidauana – MS.

Desta forma, o espaço da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio é utilizado como lugar e espaço no processo de transmissão de conhecimentos ocidentais e dos saberes tradicionais que recoloca a cada instante a reprodução do velho para os mais novos sujeitos, e a possibilidade de conhecer costumes de outros povos.

Esta abordagem permite ampliar a análise cultural e educacional, na medida em que busca apreender os processos reais, cotidianos, que ocorrem no interior da escola, ao mesmo tempo em que resgata o papel ativo dos sujeitos, na vida social e escolar.

Diante do exposto, expressamos um olhar que se reflete nas questões de angústias que vem acontecendo na escola indígena, a forma como a instituição responsável conduz o processo educativo, sem ao menos levar em conta o cotidiano de uma comunidade indígena, que tem suas características próprias dentro de sua cultura, seja na língua, costumes e o modo de ser e viver dos Terena.

A Escola indígena deveria exercer o papel de preservar o costume, a cultura e o hábito da comunidade, ainda poderia ser o local onde o professor ensina música, mito, artesanato, dança, cantiga e a reprodução de histórias dos antepassados. A escola também poderia ser o local para incentivar o valor histórico, tradicional e de revitalização da língua e tradições do povo em particular a Aldeia Ipegue.

Mas, em algumas Escolas indígenas, estão priorizando o ensino do conhecimento do mundo do branco: a falar português, elaborar documentos em português, reunião de pais e mestres na língua portuguesa, reforçando cada vez mais a língua portuguesa, marginalizando a língua indígena.

Os alunos são considerados igualmente alunos, que procuram a escola com as mesmas expectativas e necessidades e a homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da instituição escolar, compreendida como universal, não levando em conta as diferenças existentes no meio dos indígenas, só se preocupando em alcançar os objetivos e os conteúdos programáticos impostos pela Secretaria Municipal de Educação.

Por isso a Escola também tem a função de criar novas identidades ou transformar e passam por mudanças de acordo com o momento, o local e os fatos que acontecem no interior da comunidade, onde pode ser a florada ou negada, dependendo da situação ou necessidade ou não da população afetada.

Dayrell (2006) faz uma análise da escola como espaço sócio-cultural que, para ele, significa compreendê-la na ótica da cultura. Sob um olhar, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, adolescentes, alunos e professores, seres humanos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história,

atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Segundo Dayrell (2006), na década de 80, surgiu uma nova vertente de análise da instituição escolar, que buscava superar os determinismos sociais e a dicotomia criada entre homem-circunstância, ação-estrutura, sujeito-objeto.

Essa vertente se inspira num movimento existente nas ciências sociais, direcionado por um paradigma, o qual tem como característica a superação do conhecimento dualista, expresso na volta do sujeito às ciências: o sujeito, que a ciência moderna lançara na diáspora do conhecimento irracional, regressa investido da tarefa de fazer erguer sobre si uma nova ordem científica.

O reflexo desse paradigma emergente é um novo humanismo que coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento, mas, tanto a natureza quanto as estruturas, estão no centro da pessoa, ou seja, a natureza e a sociedade são antes de tudo humanas.

Segundo Hall (2006), as identidades são formadas culturalmente. Ela é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes e ela não é algo inato. É formada através de processos inconscientes, permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre em formação.

As culturas não são fixas nem sólidas, são transformadas e sofrem mudanças, e podem ser mudadas ou modificadas de acordo como, onde e com quem está relacionado.

Cada cosmologia de um determinado povo, se compõem da forma com que os seus significados anteriores estejam presentes e isto contribui na construção de suas sociedades, de como relacionarem com a natureza e com o sobrenatural, como as imagens têm suas representações para a comunidade indígena.

O momento que estamos vivenciando é o momento de globalização e a atenção atual tem aumentado os espaços de contato entre povos e culturas pela antropologia. A mudança é o outro elemento constante de nossa época, num ritmo acelerado pela exigência econômica, e a comunidade indígena está dentro desse espaço de mudanças, onde todos estão envolvidos e obrigados a acompanhar para que não fique para trás.

A educação escolar foi criada por uma tradição não indígena que historicamente assumiu uma postura dominante no campo político e econômico, onde os objetivos dos missionários redentoristas ao chegar na aldeia era de catequizar os indígenas e os

missionários americanos era de converter os indígenas ao cristianismo e não de oferecer uma educação que estivesse voltada aos interesses dos Terena.

A população Terena ainda que participe da estrutura econômica regional nem por isso deixará de ser Terena, o grande exemplo é o aumento crescente da população a cada ano que passa.

Com a ajuda de alguns meios de valorização das nossas culturas e da nossa identidade o grande exemplo é a questão da língua na Aldeia Ipegue, de uns anos para cá a comunidade reconhece a língua materna, por força da lei, mas a comunidade não adotou uma atitude de conscientização que a língua Terena é uma identidade de um povo, de uma nação.

Como afirma a entrevistada de 16<sup>14</sup> anos:

Meus pais são falantes, o meu pai é de Bananal e minha mãe é de Ipegue, ela fala a minha vó fala, mas eles não falam mais comigo, mas eu acho importante falar porque somos Terena, e hoje quando sai um concurso ou, alguma coisa pra a gente trabalhar, a primeira coisa que pede é para ser falante, como estou estudando, já estou no ensino médio, procuro aprender com a minha vó, mas é difícil, porque enrola a língua.

A fala da estudante Terena da Aldeia Ipegue, está dando a importância na aprendizagem da língua Terena, pois atualmente a instituição pública aos poucos está reconhecendo a importância da língua materna, incluída como um dos critérios no concurso público municipal, como vem acontecendo no município de Aquiduaana – MS.

### **3.5 - A língua Terena**

Os Terena durante a sua trajetória histórica passaram por diversos momentos que exigiu tomada de decisões e teve suas estratégias para vencer os desafios impostos pela natureza e pelo relacionamento com outros povos no uso de outra língua para relacionar-se com o “outro”, fator importante, pois à medida que apareciam as dificuldades foi necessário recorrer a outra língua para abrir, desobstruir passagens para continuar o percurso na dispersão em direção às margens orientais do “huveona Kaxeonó”, rio Paraguai, onde foram feitas diversas levadas migratórias de ocupação no pantanal mato grossense pelos Terena e outros povos indígenas.

---

<sup>14</sup> Neste capítulo o informante é identificado pela idade no caso, o aluno da Aldeia Ipegue.

Os Terena durante a sua trajetória histórica precisaram de instrumentos de luta, de contato, de entendimento, de aliança que sempre foi através da habilidade tradicional e do uso da língua, seja português, espanhol, ou até mesmo outra língua indígena como aconteceu com o Guaikuru, quando estabeleceram uma aliança política e econômica entre os dois grupos étnicos que atendiam as necessidades de cada grupo, que os historiadores chamaram de subordinação Terena aos Guaikuru.

Os registros etnográficos dos viajantes, cronistas, indicavam que os Terena tiveram os primeiros encontros com os “purútuye” desde quando estavam no território chaquenho no século XVI durante as expedições portuguesas e espanholas que passavam pelo Chaco, atraídos pela lenda de existência de minas de ouro, onde o caminho era considerado o mais curto para chegar a região de minas dos Andes.

Inevitavelmente os Terena tiveram que aprender outra língua como a língua do Kadiwéu para se comunicar, fazer aliança, dialogar nas negociações, pensando na autodefesa e defesa do território contra outras etnias e com exploradores como foi o caso dos Terena quando estavam no “Exiva”, depararam com a presença dos espanhóis e portugueses.

Diante do conflito de linguagens e de comunicação, os Terena viram-se também no meio de conflito entre espanhóis e portugueses na disputa pela extração de ouro e prata. Mas, por outro lado, os Terena utilizaram os materiais que os europeus trouxeram como as ferramentas para agricultura, além dos animais como a vaca e o cavalo que provocou uma profunda mudança na vida dos Terena.

Para dissertar a questão do uso da língua Terena, fizemos um recorte temporal buscando iniciar a nossa análise a partir do fim da Guerra do Paraguai (1870) como ponto de partida.

Recorremos inicialmente aos registros de Fernando Altenfelder Silva (1946/1947) se referindo aos Terena, “por ocasião da Guerra do Paraguai (1864 – 1870) muitos deles já falavam o português”, um dos maiores episódios de grande impacto sociocultural e territorial que aconteceu na vida dos Terena e as consequências pós-guerra.

Buscando entender o processo do desuso da língua Terena na Aldeia Ipegue será feita uma análise histórica em diferentes momentos fazendo uma correlação com o uso da língua portuguesa e o desuso da língua Terena.

Um dos relacionamentos que os Terena tiveram com o fim da Guerra do Paraguai, em 1870, foi com os contingentes da tropa brasileira depois de desmobilização, quando

começaram a ocupar a região do pantanal, fomentando a criação de fazendas de gado, outros retornaram as suas cidades de origem, para os municípios de origem, mas não foram para as aldeias.

Os “Kaxeonó” ou paraguaios também entraram no território brasileiro, pelo fato de que a guerra teve graves conseqüências na vida econômica daquele país, procurando buscar novas perspectivas de vida e sobrevivência econômica no território mato-grossense.

Outro fator importante a considerar que afetou a vida tradicional dos Terena foi a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, de 1905 a 1914, onde a relação de contato foi inevitável, atraindo pessoas de diversos lugares, inclusive indígenas, que foram contratados para trabalhar na expansão da ferrovia, modificando o território e a paisagem regional ocupado pelos Terena, estimulando a criação de vilas e núcleos populacionais, como foi o caso do distrito de Taunay, município de Aquidauana, MS.

No caso das Aldeias, em particular a Aldeia Bananal, recebeu os missionários protestantes que chegaram em 1912 quando estabeleceram residência dentro da Aldeia Bananal, enquanto que Aldeia Ipegue recebia no mesmo ano em 1912 os padres redentoristas que iniciaram a organização da escola em sistema de multisseriado.

Na convivência relativamente harmoniosa com os indígenas, os missionários protestantes se dedicaram à educação formal, ministrando aulas com professores não indígenas na língua portuguesa com ajuda de monitores Terena treinados pelos missionários para atuarem junto com os professores brancos. São registros etnográficos de Fernando Altenfelder Silva (1946), quando esteve fazendo a etnografia da Mudança Cultural dos Terena, na Aldeia Bananal.

Em 1925 a escola dos missionários criou uma extensão de sala de aula para ministrar aulas na língua portuguesa na Aldeia Ipegue, nos mesmos moldes e estratégias que acontecia na Aldeia Bananal, mas as lideranças indígenas não permitiram a construção de escola sendo construída em terras de fazendeiro na Fazenda Esperança vizinha da Aldeia e as crianças da Aldeia Ipegue freqüentaram a escola que era ensinada na língua portuguesa mesmo sendo professores indígenas, conforme registros de Silva (1946/1947).

Outro fator que deve ser levado em consideração pela importância no contato e na história de relações sociais principalmente no uso da língua portuguesa entre os Terena e populações próximas, foi à construção de linhas telegráficas, sob o comando de Rondon no início do século XX, na visão expansionista da região pantaneira e integracionista para os povos indígenas, conforme relatório de Rondon em 1901.

Os Terena viviam dispersos trabalhando nas fazendas em extrema dependência econômica dos grandes fazendeiros e coronéis da região, como justifica Renato Alves Ribeiro em sua obra “Taboco, 150 anos – Balaio de Recordações” (1984). A predominância da mão-de-obra nas fazendas era de índios Terena. Com isso, o grupo indígena aproximou-se da civilização dos brancos, na lide do campeio de gado, da agricultura e dos trabalhos domésticos exercidas pelas mulheres Terena, tornando-se conhecidos por sua conduta leal para com os seus patrões e amigos.

Em 1850 foi decretada a “Lei de Terras” que contemplou posses de terras aos grandes proprietários de terra em todo Brasil, privilegiando inclusive a colonização da região pantaneira, com ocupação de terras pelos fazendeiros, permitindo a extrema concentração de terras, formando latifúndios improdutivos e excluindo uma grande massa de trabalhadores sem terra.

A lei de terras transformou a terra em mercadoria, as chamadas “Terras Devolutas” que não tinham dono e não estavam sobre os cuidados do Estado, poderiam ser adquiridas por meio de compra junto com o governo brasileiro.

O objetivo da lei de terra era impedir que os trabalhadores pobres tivessem acesso a terra com efeito prático de formar pequenos proprietários de terra, fazendo com que a mão de obra estivesse a disposição dos grandes fazendeiros, dessa maneira foi barrado o acesso a terra como a maioria da população brasileira.

As fazendas da região pantaneira serviram de local de moradia e trabalho dos Terena uma vez que os Terena encontravam-se dispersos devido a Guerra do Paraguai, encontram as fazendas de gado como alternativa de sobrevivência enquanto povos facilitando a reprodução social dos povos.

Esta nova fase pós-guerra do Paraguai marca o início de reorganização espacial dos Terena e serviu para a consolidação das fronteiras das áreas indígenas para assegurar um lugar de reagrupamento familiar que vinham das fazendas ou cidades com destino a Aldeia Ipegue formando famílias extensas. Os remanescentes Terena, que trabalhavam nas fazendas da região, iniciaram um processo de retorno na aldeia tradicional retomando e ocupando a antiga aldeia que fora destruída pela guerra, visando à sua sobrevivência como etnia e à reprodução cultural e populacional do grupo.

Nos relatos de Rondon, de acordo com a obra de Bittencourt e Ladeira (2000 p. 65) depois de terminada a Guerra do Paraguai em 1904, durante a demarcação de terras da Aldeia Ipegue, confirma a localização da Aldeia destruída pelos paraguaios dizendo:

“...lagoa seca onde começam os campos do Ipegue, antiga aldeia destruída pelos paraguaios”, diante da destruição os Terena viram-se obrigados a reconstituir e a reorganizar as famílias dentro do espaço geográfico da aldeia.

Antes da demarcação de terras outros elementos, como: as fazendas, o telégrafo, linha férrea, SPI, a escola, as missões, igreja, são elementos que contribuem pelo desuso da língua.

A demarcação de terras da Aldeia Ipegue foi fundamental para a organização espacial, social, política, cultural e principalmente a introdução do uso da língua portuguesa com forte intensidade advindas das fazendas vizinhas por meios dos próprios Terena que trabalhavam com patrões “purútuye” que usavam a língua portuguesa na comunicação cotidiana entre patrão e funcionários.

Na fase da reorganização social e política da Aldeia Ipegue, dos Terena vindos das fazendas para estabelecerem a reconstituição espacial das casas, da roça, da dança, e até o uso da língua portuguesa aos pouco começava a influenciar na vida dos Terena, confrontando diretamente com a língua materna, significando a reconstituição da comunidade já atravessada por outras pessoas como a língua portuguesa, nas relações de trabalho.

Atualmente podem ser verificados os resquícios da língua Terena que foi sufocada ao longo de muitos anos pelo uso da língua portuguesa, presente na memória e na vida das pessoas mais velhas ou velhos que falam fluentemente a língua Terena dentro da sua faixa etária, um dos últimos guardiões da língua nativa. Como afirma o entrevistado de 43 anos morador da Aldeia Ipegue:

As pessoas mais idosas falam entre eles, mais não ensinam as crianças, só a família dos Anacletos que todos são falantes, o pai, os filhos e os netos eles valorizam muito a língua, é a única família que conserva a língua aqui na Aldeia Ipegue.

Observa-se com a fala do entrevistado que a comunidade da Aldeia Ipegue na sua maioria confirma o desuso da língua, apenas uma família que está valorizando a importância e transmissão do uso da língua Terena na comunicação entre o mais velho até criança na sua própria família.

Diante do ligeiro esboço de registros históricos dos Terena, especificada nos diferentes momentos por onde passaram é possível observar que o uso da língua portuguesa parece estar sempre presente como língua de comunicação com o “outro”,

principalmente durante a Construção de Linhas Telegráficas, objetivado pela própria filosofia positivista de Rondon para integrar o índio à sociedade nacional, através da adoção de diversos ofícios de trabalho e novos hábitos dos “purútuye”.

Para que pudesse efetivar diversos tipos de aprendizados de ofícios proposto pela Comissão de Rondon e seus subordinados utilizaram a língua portuguesa para ensinar os novos conhecimentos dos regionais até então desconhecidos pelos Terena.

Dentre os povos indígenas que saíram do “Exiva” os Terena se instalaram na região do pantanal sul mato-grossense em particular os moradores da Aldeia Ipegue que está inserida dentre outras aldeias no Distrito de Taunay tais como: Colônia Nova, Aldeia Bananal, Lagoinha, Água Branca, Morrinho e Imbirussú, outras aldeias estão conseguindo assegurar o uso da língua Terena na vida cotidiana das pessoas, outros estão passando pelo processo de desuso como língua principal utilizada como é o caso da Aldeia Ipegue.

Atualmente o uso da língua Terena na Aldeia Ipegue, continua em processo de desuso motivado por diversos fatores históricos que afetaram profundamente a língua materna como língua tradicional que anteriormente era usado de modo freqüente como meio de comunicação das pessoas.

A convivência na relação de trabalho do homem e da mulher Terena nas fazendas incorporaram vários hábitos regionais como o sistema de compadrio, a veneração pelas imagens de santos, a reza na língua portuguesa, o casamento da mulher Terena com pessoas não índias das fazendas ou vice versa, fazendo com que os filhos não sejam mais falantes da língua Terena, adotando a língua portuguesa pela imposição do pai que é falante da língua portuguesa.

O resultado de nascimento de crianças nas fazendas foi outro reflexo que impediu a reprodução da língua materna uma vez que quando se tornam adultos retornam para aldeia não sendo falantes da língua Terena, em conseqüência os filhos serão também não falantes da língua materna.

O antropólogo Fernando Altenfelder Silva (1946) nos registros etnográficos na Aldeia Bananal, confirma através de exemplos citados nas ocupações econômicas dos Terena que alguns nasceram nas fazendas circunvizinhas e posteriormente retornaram para aldeia como de fato também aconteceu na Aldeia Ipegue.

No lado feminino as mulheres trouxeram os maridos para morar na aldeia onde os filhos aprenderam a língua portuguesa do que a língua materna, o que é permitido na Aldeia Ipegue.

Um dos nossos entrevistados nos informou que a preocupação com o estudo dos filhos precisou usar a língua portuguesa para comunicar com os seus filhos com intuito de ensinar, visando o aprendizado por meio da língua portuguesa durante os estudos das crianças na Escola da aldeia para comunicar e interagir-se uma vez que as aulas eram ministradas em português.

Durante o trabalho de campo foi observado que a Igreja é uma das instituições que utiliza a língua portuguesa em seus rituais religiosos, levando ao enfraquecimento da língua materna e fortalecimento da língua portuguesa, onde nos cultos são freqüentes o uso do português. A escola é outro lugar de reprodução da língua portuguesa uma vez que a maioria dos professores seja indígena ou não, ministram aulas na língua portuguesa, afirmando, confirmando e legitimando cada vez mais como primeira língua.

Outro depoimento do nosso entrevistado nos respondeu que a língua portuguesa era uma forma de defesa na interlocução com os não indígenas que frequentemente estavam presentes dentro da Aldeia; ou ainda como sistema de comunicação na venda de produto da aldeia nas fazendas, compras de gêneros alimentícios, vestuário, mobília, acompanhada do conhecimento da matemática que é necessário tanto na venda como em outras negociações que envolvem dinheiro.

Esta mobilidade espacial e social dos Terena facilitou o intercâmbio matrimonial entre homens e mulheres Terena ocorrida nas fazendas e nas cidades onde parece ser uma sociedade aberta para o casamento em especial aos “purútuye”.

Diante dessas situações o grau de mestiçagem na Aldeia Ipegue é grande sendo um dos responsáveis pela generalização do uso da língua portuguesa, falada por gerações novas, em contra partida, está presente na memória do mais velhos que falam a língua de origem ainda que somente com os seus contemporâneos.

O número de mulheres Terena que se casa com brancos supera em muito o de homens Terena que buscam esposa não indígena.

Conforme os dados da FUNASA (2010) registram 10 homens “purútuye” que se casou com mulheres Terena e atualmente moram junto com a comunidade Terena na Aldeia Ipegue, isso sem contabilizar os “purútuye” que buscaram identificação na administração FUNAI, para serem considerados e legitimados como índios Terena residentes na Aldeia Ipegue.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória histórica dos Terena desde o “Exiva” e particularmente no território sul Mato-grossense passaram por diversos acontecimentos e de encontros culturais com outros povos, seja viajantes, missionários, colonizadores, bandeirantes entre outros.

Outros momentos marcantes na vida dos Terena foi a participação dos Terena na Guerra do Paraguai, presença do Estado brasileiro com a criação do SPI no Distrito de Taunay em particular na Aldeia Ipegue, construção da linha telegráfica comandada pelo Rondon, construção de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e a entrada dos missionários para morar na Aldeia de Bananal e Ipegue.

Todos esses acontecimentos exigiram momentos de decisão dos Terena em defesa do território e da comunidade, principalmente o uso da língua portuguesa fator que foi importante para diálogo, entendimento, acordos com os “purútuye”.

São esses momentos marcantes em que a língua indígena, ou seja, a língua Terena deixa de ser falada ficando em segundo plano onde a relação única do Terena com os “purútuye” precisa renunciar o seu mundo cultural utilizando a língua de outro grupo dominante como a língua portuguesa.

As línguas indígenas são como todas as outras línguas são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico em que tradicionalmente tem vivido esses povos.

As línguas indígenas são diferentes entre si, mas compartilham com as demais, quase seis mil línguas no mundo o fato de que são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem.

A capacidade de comunicação é desenvolvida pela espécie humana e se caracteriza por princípios e propriedades presentes em todo ser humano, facultam a qualquer criança desenvolver o domínio de qualquer língua sempre que exposta ao contato com falantes dessa língua, da mesma forma o adulto pode aprender línguas diferentes além da sua própria língua.

As línguas estão sujeitas a um grande número de fatores de instabilidade e variações que determinam nelas fortes tendências a constante alteração, essa tendência é consequência de uma necessidade de mútuo ajuste entre os indivíduos de uma mesma comunidade social, ajuste sem o qual não se cumpriria a finalidade básica da língua, que é a comunicação explícita o quanto possível.

De acordo com o RCENEI, a língua é o meio mais importante para cada povo independente do seu modo de ser, pois é através dela que a sua comunidade repassa a sua cultura para os mais jovens, e é a língua que identifica uma nação através do uso da sua própria língua materna, um povo sem língua é um povo sem identidade.

A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documento de identidade de um povo num determinado momento de sua história. (RCNEI, 2005, p.113)

Quando dois grupos sociais se separam as alterações lingüísticas que ocorrem em cada comunidade não serão mais reajustadas em comum em muitos casos vão constituir diferenças entre sua fala tornando as línguas diferentes.

A história das línguas no mundo tem sido uma história ou pré-história das línguas indígenas brasileiras, algumas línguas embora diferentes conservam muitos elementos em comum que permitem reconhecê-las mais ou menos facilmente como descendentes de uma só língua anterior, por isso os lingüistas constituem uma família lingüística.

Na chegada dos europeus no Brasil há 510 anos atrás, é provável que o número de línguas indígenas fosse superior do que é de hoje. Nesse sentido o Brasil sempre foi um país multilíngüe e ainda continua. A redução teve como causa maior o desaparecimento dos povos que falavam, devido campanhas de exterminação ou de caça a escravos, por epidemias de doenças contagiosas trazidos pelo mesmo europeu, e também o deslocamento sociolingüístico onde a língua dominante vai ocupando pouco a pouco o território da língua indígena.

A língua segundo Rodrigues (1985), mais conhecida é o Tupinambá, a língua foi que predominou nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua da expansão bandeirante e o seu uso foi tão intenso como (língua geral), que foi proibida no século XVIII pelo governo português.

Diferente do que aconteceu com os Terena no pantanal sul mato-grossense tiveram que utilizar a língua portuguesa para comunicar com os portugueses e outros povos.

Voltando na área pesquisada de acordo com os relatos de algumas pessoas mais antigas da comunidade da Aldeia Ipegue o contato intenso dentro da aldeia com os não indígenas começou por volta de 1912 com a chegada de missionários protestantes que

organizaram uma sala de aula e aos poucos as crianças Terena começaram a freqüentar a escola onde a aula era ministrada na língua portuguesa, com isso começava a utilização do português na vida dos alunos e da comunidade.

Antes da chegada dos missionários seja católico ou protestante o contato com a sociedade não indígena aconteceu nas fazendas de gado nos arredores da Aldeia Ipegue.

Então a escolarização na Aldeia Ipegue por meio dos missionários protestantes evidencia a repressão da língua Terena e conseqüentemente leva o silenciamento, esquecimento, renúncia das crianças e jovens estudantes daquela época, considerado um dos elementos fundamentais de identidade de um povo, que aos poucos está sendo substituída pela língua portuguesa.

É preciso entender a natureza e a tarefa dos missionários protestantes que é evangelizar os Terena, ou seja, levar a “boa nova” a todos os povos do mundo, tornando-se acessível às pessoas estranhas, sem levar em conta o sistema social e a língua dos povos.

A escolarização e alfabetização dos Terena adotada pelos missionários protestantes é uma estratégia fundamental para conversão e os convertidos se tornem leitores da Bíblia Sagrada, escrita na língua portuguesa e serem agentes reprodutores da palavra de Deus, desvalorizando a língua Terena levando gradualmente o desuso da língua Terena na Aldeia Ipegue.

A escola pode ajudar no desaparecimento de língua indígena, ou ela também pode ser elemento que favorece ou incentiva a sua manutenção ou revitalização como afirma o RCNEI (2005, p.119).

A proposta da Escola missionária também pode ser entendida que era imposta aos Terena no século passado como monolíngue, com a finalidade de “integrar” os Terena na sociedade nacional, obrigando a ler e falar a língua portuguesa, como foi a política positivista de Rondon aos Terena.

A presença dos missionários protestantes na escolarização dos Terena na Aldeia Ipegue, contribuiu positivamente na aprendizagem da língua dominante, transmitida por etapas, antes na forma oral, depois na escrita. Por outro lado parece que não tiveram preocupação a ensinar-lhes a leitura e a escrita da língua Terena.

Outro fator apontado na pesquisa que contribuiu no desuso da língua Terena foi a “invasão” da língua portuguesa na Escola Municipal Indígena Feliciano Pio, onde a maioria do corpo docente utiliza a língua portuguesa para ministrar aulas desde a Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental.

A Escola possui em sua grade curricular a disciplina da língua Terena e arte e cultura Terena, proposta em 1999 com a implantação do Projeto “Raízes do Saber”, com objetivo de preservar e revitalizar a língua Terena na Aldeia Ipegue.

A implementação da política pública pro-revitalização da língua Terena apontada pelo projeto demanda tempo de preparação de procedimentos metodológicos e pedagógicos para garantir a viabilização pelos professores na sala de aula, principalmente pela instituição mantenedora faz-se necessário apoio institucional quanto a continuidade das práticas pedagógicas.

Nos últimos anos os professores da língua Terena e arte e cultura Terena são pessoas que não tiveram formação específica para ministrarem aulas de língua Terena ou muitas vezes não são falantes da língua materna ou não utilizam mais o conjunto de preparação de procedimentos e conhecimentos metodológicos apropriado para pro - revitalização da língua Terena adotada pelo Projeto “Raízes do Saber” para Aldeia Ipegue.

Durante a pesquisa de campo observou-se a presença de pessoas adultas de outras nacionalidades moradoras na Aldeia Ipegue tais como: Paraguaio, Japonês, mestiços negros, “purútuye” casadas com mulheres Terena que se conheceram fora da Aldeia e posteriormente vão morar na Aldeia, criar os filhos falantes na língua portuguesa, em virtude da imposição do pai de não ser falante da língua Terena, prevalecendo o uso da língua portuguesa dentro da família e assim perpetuando com outros filhos que nascem.

Esses encontros muitas vezes acontecem nas fazendas das regiões próximas a Aldeia Ipegue, no trabalho doméstico das mulheres Terena como afirma Alves Ribeiro (1984, p. 73) que “os serviços de casa sempre exercidos por moças índias que eram criadas pelos brancos. Até hoje em Aquidauana é comum as índias servirem de cozinheiras, arrumadeiras e babás”, nas residências de brancos.

O número de mulheres Terena que se casam com brancos supera em muito o de homens Terena que buscam esposa não indígena.

A mudança de hábitos e costumes tem motivado uma nova postura frente as novas tecnologias que está presente dentro das casas dos Terena, como é o caso do uso da televisão, tem restringido os momentos importantes de “ouvir as histórias dos mais velhos” no final da tarde, quando são repassado ao mais novos, os saberes tradicionais Terena, por meio do uso da língua Terena, trazendo prejuízo aos mais novos.

Para Georges Balandier (1997), a tradição requer mestres que a conheçam, que a mantenham viva e a comuniquem aos que se iniciam. Tais pessoas antigas são detentoras

de vastos conhecimentos que estão armazenados na memória dos mais velhos. A valorização das tradições se encarrega de determinar os lugares, eventos e personagens que fizeram a história da comunidade Terena.

Como a história não foi registrada por escrito senão na memória dos mais velhos, os nomes e lugares são registrados por associação a eventos críticos na história cultural do povo Terena, como exemplo o próprio nome Ipegue está na língua portuguesa, na língua Terena chama-se “varákakoe” que significa lugar dos pássaros arancuã e o córrego que divide a Aldeia Bananal com Aldeia Ipegue chama-se “vónikoe” em homenagem ao morador Voni que ficava as margens do córrego.

Todo saber indígena dentro da comunidade é considerado como importante na vida de um povo, pois são momentos que caracterizam a produção e reprodução da vida e do mundo, como reencontro de seres humanos com o passado, é um momento para reviver o sentir a emoção do reencontro, e acredita-se que há energias sobrenaturais são considerados como uma renovação.

Finalmente as Escolas indígenas devem diferenciar-se no sentido de superar a prática comum que é a reprodução acrítica dos procedimentos metodológicos e pedagógicos com a visão predominante na escola tradicional dos “purútuye”, pois a própria Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação asseguram os processos de ensino e aprendizagem diferenciados para as escolas indígenas.

A escola e a população principalmente os falantes da língua Terena devem proporcionar nos lugares de ambiente social a pro - revitalização da língua Terena, que poderia ser priorizados o uso da língua materna nas reuniões de pais e mestres, nas reuniões de associação de moradores, nas reuniões das igrejas, para contra atacar a língua portuguesa que é um dos fatores responsáveis pela ameaça de extinção da língua Terena, e caminha no processo gradual e crônico com objetivo de manter a língua falada pelos nossos ancestrais.

A presente análise abre novas possibilidades de pesquisa sobre a questão da língua Terena da Aldeia Ipegue, pois, reflete seus valores culturais, transmitidos de geração a geração, que definem e norteiam a comunidade no seu próprio desenvolvimento. A comunidade da Aldeia Ipegue é uma comunidade que está sempre pronta em receber o que vem de fora, abriram-se as portas que o resultado é visto hoje, ela passou de uma comunidade bilíngüe para uma monolíngüe, essa abertura trouxe várias implicações sobre

o seu próprio futuro. A posição dos líderes no passado não foi respeitada deixando de lado o jeito de ser Terena e reconstruindo outro jeito de ser Terena.

A pesquisa revelou-se árdua, mas gratificante. A maior barreira foi transpor, para a língua portuguesa, a percepção e a análise que surgiu da vivência (observação participante) de campo, em virtude de a autora pertencer ao grupo indígena falante da língua Terena, desde criança até os dias atuais, e ainda mais ser professora de crianças falantes e a língua Terena estar presente vinte quatro horas na vida, seja em casa ou no trabalho.

Ainda ecoa nos seus ouvidos a sabedoria tradicional recebida dos seus pais, que sabiam não só contar histórias como também tomar decisões, pois o meu pai sempre foi até hoje um grande líder da comunidade Terena, um verdadeiro Nâti. É a eles que a autora dedica este trabalho. A pesquisa foi enriquecedora, porque permitiu igualmente conhecer as diferentes visões que pesquisadores não índios tiveram da vivência histórica e cultural deste povo guerreiro e vitorioso.

Não se considera esta pesquisa finalizada, mas sim como um ponto de partida que aponta para reflexões sobre o respeito aos direitos indígenas, principalmente a Língua Terena que é um documento de identidade do povo, à cultura e valores em suas relações sociais, enfim, o uso da língua materna (Terena) que sintetiza bem a diferença cultural étnica: indígena e não indígena.

O trabalho dispõe de dois anexos: Projeto Raízes do Saber (1999) e Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio (1998).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACÇOLIN, Grazielle. **Protestantismo a Moda Terena**. São Paulo – SP, Tese (Doutorado em Sociologia) – Área de concentração: Ideologia, Representações e Cultura. Campus de Araraquara, 2004.

ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira, **Representação e participação indígena nos processos de gestão do “campo indigenista”**: Que democracia? Revista *Anthropologicas*, Ano 7, volume 14 (1 e 2) 2003, 35-45.

AZANHA, Gilberto. **As Terras Indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**. Brasília, 2004. Relatório Técnico.

BACH, J. Datos sobre los índios Terena de Miranda. **Anales de la sociedad Científica Argentina**. Buenos Aires, nº 82, 1916.

BALANDIER, Georges. **O Dédalo - Para finalizar o século XX**. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro, Editora Bertrand. Brasil. 1999.

BALANDIER, Georges. **A Desordem – Elogio do Movimento**. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro, Editora Bertand. Brasil. 1997.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 4º Ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIGIO, Elias dos Santos. **Candido Rondon – A Integração Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto/Petrobras, 2000.

BITTENCOURT. Circe Maria. LADEIRA. Maria Elisa. **A História do Povo Terena**. Brasília: MEC, SEF, USP, 2000.

BOGGIANI, Guido. **Os Caduveos** – Tradução de Amadeu Amaral Junior. São Paulo: USP, 1975.

CALDART, Roseli Salete. **Movimento social como sujeito pedagógico - a Escola e o Movimento, in Pedagogia do movimento Sem Terra**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

CARVALHO, Edgar Assis de. **As Alternativas dos Vencidos – Índios Terena no Estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CARVALHO, Fernanda S. **Koixomuneti: Xamanismo e Prática de Cura entre os Terena**. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

CASTELNAU, Francis de. **Expedições as regiões centrais da América Central**. São Paulo: Nacional, 1949.

Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte. UFMG. 2006.

Estatuto do Índio. Lei nº 6001 de 19 de dezembro de 1973.

FLEURI, Reinaldo Matias (org.). **Educação intercultural, mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, J. R. B. **A Representação da Escola em um Mito Indígena**. Artigo publicado na Revista TEIAS – Faculdade de Educação / UERJ – n.3 (jun.2001) pp.113-120.

FREIRE, J. R. B. **Maino'í e Axi'já: esboço do mapa da educação indígena no Rio de Janeiro**. In: Donaldo Bello de Sousa e Lia Ciomar Macedo de Faria. (Org.). Desafios da Educação Municipal. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, v. 1, p. 406-422.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local. Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 8. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Escola e Diversidade Étnico - Cultural: Um Diálogo Possível**. In. Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura Dayrell – organizador. 2006.

GONÇALVES, Evanilson Campos. **O Lixo como Problema Ambiental na Aldeia Bananal do Posto Indígena de Taunay no Município de Aquidauana – MS: Base para discussão sobre Planejamento Local**. Aquidauana – MS. 2006.

GOULD, Stephen Jay. **A Falsa medida do homem**. Tradução Valter Lellis Siqueira; revisão da tradução Luis Carlos Borges; revisão técnica Carlos Camargo Alberts. 2ª . Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11º. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Organizadora: Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ISAAC, Paulo Augusto Mario. **Modo de Existir Terena na Comunidade Multiétnica que vive em Mato Grosso**. São Paulo – SP, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

JUNQUEIRA, Carmem Silvia. **Antropologia Indígena – Uma (nova) introdução**. 2 Ed. São Paulo: Editora da Puc, 2008.

MARTINS, Gilson Rodolfo. **Breve Painel etnohistórico de Mato Grosso do Sul**. 2ª ed. Campo Grande: UFMS, 2002.

MICLAREN, Peter L. & GIROUX, Henry A. **Por uma Pedagogia Crítica da Representação**. In. Territórios Contestados. O currículo e os novos mapas políticos e culturais. 5ª Ed. SILVA, Tomas Tadeu. e MOREIRA, Antonio Flavio (org.) Rio de Janeiro, 2000.

OBBERG, Kalervo. **The Terena and Caduveo of Southern Mato Grosso - Brasil.** American Anthropologist Menasha, V. 50, nº 2, 1949. Terra Indígena. Tradução: Silvia M.S. Carvalho. Araraquara, FCL/UNESP, nº 33, fev. 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Urbanização e Tribalismo: A integração dos Índios Terena numa sociedade de classes.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

OLIVEIRA, R.C. **Do Índio ao Bugre: O processo de Assimilação dos Terena.** Francisco Alves. Rio de Janeiro. 1976.

PAES, Vanderleia Leite Mussi. **As Estratégias de Inserção dos Índios Terena: Da Aldeia ao Espaço Urbano(1990 – 2005)** Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESP.Universidade Estadual Paulista. Assis/São Paulo, 2006.

Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio. Aquidauana – MS. 1998.

Projeto “Raízes do Saber” elaborado pela Prefeitura Municipal de Aquidauana – MS. 1999. RCNEI, **Referencial Curricular Nacional par as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2ª Ed. Brasília: MEC/SECAD. 2005.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização: A integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno.** 4ª Ed. Rio de Janeiro. Vozes. 1982.

RIBEIRO, Renato Alves. **Taboco 150 anos Balaio de Recordações.** Campo Grande/MS: Prol, 1984.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras.** Editora Loyola. Rio de Janeiro, 1985.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Ministério da Guerra Comissão Constructora de Linhas Telegráficas no Estado de Mato Grosso.** Rio de Janeiro: Relatório, 1901.

SILVA, Aracy Lopes da. **Mitos e Cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução.** In Índios do Brasil , Luis Donisete Benzi Grupioni (org) . São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

SILVA, Fernando Altenfelder. **Mudança Cultural dos Terena,** Revista do Museu Paulista, volume III página 319, 1946.

TAUNAY, Visconde de (Alfredo d’Escragnolle). **Entre os nossos índios: Chanés, Terenas, Kinikinaus, Guanás, Layânas, Guatós, Guaycurus, Caingangs.** São Paulo/Rio de Janeiro: Museu Paulista/Melhoramentos, 1931.

WHITTINGTON, Harry. **On the Indian Trail in Paraguay and Brazil,** Edimburgo: Knox Press, 1925.

**ANEXOS****Projeto Raízes do Saber (1999).****Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio (1998).**